

cidade
Angra
transatlântica *in the heart of the atlantic*



FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO . EDITION

Câmara Municipal
de Angra do Heroísmo
e Projecto Atlante

TEXTOS . TEXTS

Álvaro Monjardino, Irina Mendes e Sandra Bessa

FOTOGRAFIA . PHOTOGRAPHY

António Araújo

João Costa [06,140,134]

Luís Mendes [28,157]

DESIGN . GRAPHIC DESIGN

António Araújo

PRODUÇÃO GRÁFICA

BLU edições

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Novagráfica

AGRADECIMENTOS

Diário Insular, Museu de Angra do Heroísmo, Paulo Nuno Barcelos
e Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo

Depósito legal: 000000/05

ISBN: 000000/03

1ª edição: Dezembro 2005

Edição: Abode Photoshop CS2 [tratamento de imagem] e Adobe Indesign CS 2 [paginação]

Tipografia: Berkeley oldstyle [book, bold, italic] e Helvetica Neue [55 Roman, Thin]

Impressão: máquina off-set a 4 cores [quadricromia]

Papel: miolo em papel couché 150 grs e capa dura em cartão de 2500 microns,
forrada em papel couché gloss de 170 grs e plastificada a gloss.

Acabamento: cosido à linha e colado à lombada

Proibida a reprodução desta obra, total ou parcial,
por qualquer meio sem autorização prévia do Editor e dos Autores.

cidade
Angra
transatlântica *in the heart of the atlantic*





angra, menina e moça

JOSÉ PEDRO CARDOSO

Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

Hoje, apenas identificamos os traços esfumados dos aviões que nos sobrevoam, e que dispensam a baía acolhedora, onde há muitos anos atrás ancoravam as Caravelas que cruzavam os mares, carregadas de riquezas perfumadas com especiarias.

Angra, levemente maquilhada, volvidos que são vinte e seis anos sobre o terramoto que a feriu e esventrou, apresenta-se a quem a visita, teimosamente menina e moça, ostentando ao peito a condição de Património da Humanidade.

A Cidade de Angra do Heroísmo modernizou-se e tenta acompanhar os novos ventos que intensamente nos despejam em casa ou no local de trabalho, sem atropelar o que herdou dos seus egrégios avós, sempre numa postura de integral respeito pelo seu passado.

Esta Cidade, rodeada duma natureza bela e intacta, que já foi Pátria e refúgio dos paladinos do Liberalismo, é hoje em dia a Capital Açoriana da Cultura. Não porque alguém se lembrou de o escrever, mas sim pelo elevado contributo qualitativo que os Angrenses dão à miríade de actividades de índole cultural que produzem e alimentam.

Daqui, já exportámos pastel, laranja, patriotismo e resistência, em quantidades variáveis, mas sempre generosas. No dealbar do século XXI, continuamos a oferecer, a quem nos visita, os resquícios do nosso passado, a desenvolta e sincera hospitalidade e o elevado acento da nossa auto-estima.

Reconheço que seria fastidioso falar-vos da vasta área de flora endémica, da rica fauna ornitológica e da arquitectura vulcânica. Mas também do culto secular ao Divino Espírito Santo, enraizado em diversos patamares religiosos e profanos, onde a partilha e o bem receber estão sempre presentes. E que dizer do mar que nos rodeia, nos alegra e alimenta? Não há mar mais generoso do que este, pois é imensamente rico em fauna, em flora e em puro prazer, quer na pesca, quer nos desportos náuticos.

Daqui, desta janela sobre a baía, formulo um acolhedor e fraternal convite, para que nos visitem, convicto de que desfrutarão das nossa belezas naturais, do nosso Património Cultural, da nossa gastronomia e do nosso acentuado desenvolvimento, quer como Cidade, quer como Concelho.

angra, girlish lady

Mayor of Angra do Heroísmo

These days, we can only identify the planes' shaded lines in the sky, flying over our heads, passing by the welcoming bay where many years ago vessels crossing the seas anchored, loaded with treasures, bringing a spices' aroma to the air.

Angra, with her slight make up, now elapsed twenty-six years over the earthquake that injured and disembowelled her, presents-herself to the visitors, stubbornly girlish and young, boasting in her chest her World Heritage condition.

The now-a-days modern Angra do Heroísmo city tries to keep up with the new winds of change, intensely assaulting us at home or at work, without knocking down her illustrious grandparents' inheritance, always keeping a posture of integral respect for the past.

This City, surrounded by a beautiful and intact environment, once Homeland and safe haven of the Liberalism's champions, is currently the Azores' Culture Capital. Not because someone decided to say so, but due to the high quality contribution given by its people to multiple cultural events, produced and nourished by them.

From this point of the world, we've already exported pastel, oranges, patriotism and resistance, in variable quantities, but always in a generous manner. In the beginning of the 21st Century, we continue to offer to our visitors the testimonies of our past, as well as our lively and sincere hospitality and our great self-esteem.

I recognize that it would be fastidious to write about our vast endemic flora or about our rich ornithological fauna, or still about our volcanic architecture. Or even about our secular Divine Holy Ghost's worship, rooted in diverse profane and religious landings, where the sharing and welcoming feelings are always present. And what could I say about this surrounding ocean, the same that cheers us up and feeds us? No other is as generous as this one, immensely rich, has it is, in fauna, flora and in the pure pleasure that it brings us, in fishing and in nautical sports.

From this window's view over the bay, I want to address you a welcoming and fraternal invitation to come here and visit us, convinced as I am that you'll enjoy our natural beauties, our Cultural Heritage, our gastronomy and our profound development as a City and as a Council.



angra, cidade do mundo

LUÍS MENDES

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

Angra do Heroísmo foi sempre, ao longo da sua história, uma Cidade do Mundo.

Em Dezembro de 1983 tornou-se a primeira cidade portuguesa inscrita na Lista do Património Mundial da UNESCO.

Como todas as cidades históricas teve os seus períodos altos e baixos. Na última década do século passado chegou mesmo a fazer parte da lista de património em risco da UNESCO. Políticas conservadoras de gestão do território, regras discricionárias, e tentativas de musealização da mesma afastaram os habitantes.

A definição de uma política urbanística coerente permitiu a recuperação da frente marítima da cidade. O investimento realizado, apoiado no Plano Integrado da Baía de Angra do Heroísmo e acompanhado pelo ICOMOS, permitiu devolver à cidade a sua vocação Atlântica. Algumas das intervenções efectuadas estão ilustradas neste livro.

O projecto *ATLANTE Melhorar as Cidades Atlânticas Património Mundial da UNESCO* que reuniu as cidades Património da Humanidade de Angra do Heroísmo, Évora, Porto e Guimarães em Portugal e de Santiago de Compostela e Lugo na Galiza, permitiu o estudo, reflexão e trocas de experiências sobre a gestão das mesmas no início do Século XXI. O Livro agora editado é um dos produtos deste projecto englobado na Iniciativa Comunitária INTERREG III-B Espaço Atlântico e co-financiado pelo FEDER

Trata-se de um documento que retrata o encantamento de um visitante que chega a Angra por via marítima e vai-se deixando seduzir pela cidade, pelas suas gentes e costumes. As extraordinárias fotografias de António Araújo, a brilhante contribuição histórica de Álvaro Monjardino e o texto encantado de Irina Mendes e Sandra Garcia Bessa “obrigam” o leitor que conhece Angra do Heroísmo a redescobrir a Sua Cidade, Sua porque pertence a toda a humanidade, e aos que ainda não a conhecem despertará certamente o desejo de a visitarem com urgência.

Porque herdámos uma cidade de Excelência. Queremos deixar às gerações vindouras uma Cidade de Excelência.

angra, a world's city

Angra do Heroísmo City Hall's Vice-President

Angra do Heroísmo has always been, throughout its history, a City of the World.

In December, 1983 it became the first Portuguese city inscribed in the UNESCO's World Heritage List.

As all historical cities Angra had its ups and downs. In the past century's last decade it even became part of the cities' group in risk of being cast out of UNESCO's World Heritage List. Territory resource management's conservative politics, discretionary rules, and attempts of museum like treatment of the city, moved away the inhabitants. The definition of a coherent urbanistic policy allowed the city's maritime front recuperation. The investment carried out, sustained by Angra do Heroísmo's Bay Integrated Plan and supervised by the ICOMOS, allowed the repossession of the city's Atlantic vocation. Some of the interventions made in this context are mentioned in this book.

The ATLANTE's project Improve the Unesco's World Heritage Atlantic Cities which united the Portuguese World Heritage cities of Angra do Heroísmo, Évora, Oporto and the Spanish cities (Galiza) of Santiago de Compostela and Lugo, permitted the study, reflection and experiences' exchange about their management in the beginning of 21st century. The present Book now published is one of the outcomes of this project embodied in the INTERREG III-B Atlantic Space Community Initiative (Transnational Co-operation on Spatial Planning and Regional Development) and co-financed by the FEDER.

These publication portrays the enchantment felt by a visitor arriving to Angra by sea and who ends up seduced by the city, by its inhabitants and their way of life. António Araújo's extraordinary photographs, Álvaro Monjardino's brilliant historical contribution and the delightful textbooks of Irina Mendes e Sandra Garcia Bessa, make this book an obligatory reading for those who already know Angra do Heroísmo but wish to rediscover their city – their city because it belongs to all humanity – and, for those who don't know it yet, it will surely awake in them the desire to visit Angra soon.

Because we've inherit a city of Excellence. And a city of Excellence is what we want to leave, as heritage, to the coming generations.



a cidade transatlântica

ÁLVARO MONJARDINO

Historiador

the transtlantic city

Historian

Angra do Heroísmo 38° 38' 33" N, 27° 12' 48" W

Ao princípio era a Natureza moldada pelo fogo, pela chuva, pelo vento e pelo mar. A costa sul da ilha, ao tempo ainda sem nome senão talvez o de *Ilha do Brasil*, levantava-se em escarpas e penedos basálticos, de quando em quando cortados por uma veia de água. Sensivelmente a meio, o recorte da linha de terra era mais acentuado: uma península de formas abruptas avançava pelo mar adentro após três épocas de convulsão vulcânica, erguendo-se como uma muralha providencial contra os ventos do oeste. Entre essa península e a uma ponta rochosa a nascente dela é que surgiu a *angra*, abrigada e profunda. Porto natural único, essencial para a navegação nestas partes do Atlântico... mas a partir de que terreno! Duas arribas caíam sobre o mar. No meio delas desaguava uma ribeira que antes se despenhara de um cabeço escarpado, formava um charco e daí corria, como uma grande ferida aberta, até à sua foz.

O desafio estava em tudo isso. Aquele porto natural não podia perder-se e a povoação inevitavelmente nasceu – contra a Natureza mas afinal por causa dela. É a Álvaro Martins Homem, na segunda metade do século XV, que se deve esse nascimento: a ele e à visão de navegador que efectivamente tinha, por o ser.

O próprio nome da incipiente povoação (>ancra, >anchora) mostra a razão da escolha do local, apesar dos obstáculos orográficos que possivelmente terão afastado Jácome de Bruges, o primeiro capitão da Terceira (1450) para os lados da Praia, onde se preferiu fixar-se. O local por ele deixado a Álvaro Martins possuía aquele porto natural, pequeno mas profundo, que era o mais abrigado dos Açores de então. Por acréscimo, uma grande abundância de águas doces e correntes convergia tanto sobre a enseada como até para nascente dela – uma outra reentrância costeira que ainda hoje se chama *as Águas*. Álvaro Martins Homem terá percebido em qualquer caso, e sem embargo do acidentado do terreno, estar ali o embrião de uma urbe marítima e com futuro. Enquanto os primeiros habitantes se agrupavam no alto do Corpo Santo, a um tempo próximos do mar e defendidos dele e de seus perigos, Álvaro Martins Homem empreendia

Angra do Heroísmo 38° 38' 33" N, 27° 12' 48" W

In the beginning, there was only an island, moulded by the fire, the rain, the wind and the sea. The island's south coast, at the time still nameless, safe perhaps for Island of Brazil, raised itself on escarpments and basaltic rocks, here and there cut by a water vein. Sensibly at its core, the land line's trim was more accentuate: a peninsula of abrupt forms marched into the sea, after three volcanic eruptions, raising itself as a providential wall against the western winds. Between that peninsula and the East rocky tip, Angra (the cove) arose, sheltered and deep. A unique natural harbour, essential for the navigation on these parts of the Atlantic... against all odds! In the midst of two cliffs, like a huge wound, a water stream flowed into the sea.

It presented a challenge in every way. That natural harbour couldn't be wasted, and, inevitably the settlement was born, at a time, against and because of Nature itself. This birth is due to Álvaro Martins Homem, in the second half of the 15th century: to him and to his navigator vision, that in deed he had, for he was one.

The settlement's name itself (cove >bay) indicates, most evidently, the reason for the location's choice, despite the obvious orographic obstacles, that probably were the grounds of Jácome Bruges's decision, the first Captain of the island (1450), to move away towards Praia, where he preferred to settle. The place left by him to Álvaro Martins Homem held that deep and natural harbour, the most sheltered of the Azores at the time. In addition, it had abundant fresh water that converged not only towards the inlet, but also to the East – another cost recess that is known, to this day, as the Waters. Nonetheless, Álvaro Martins Homem perceived, despite the rough ground, an embryo of a promising maritime city. While the first inhabitants were grouping at Corpo Santo's top, simultaneously near to the sea and protected from it, Álvaro Martins Homem, embodied the task that would provide the rising settlement with an authentic industrial infrastructure: the Ribeira dos Moinhos' water-course.

The wild, torrential waters, creators of those escarpments and of the deep canyon that led them to the sea, were grasped, devious of their course, forced to run through a smooth slope, developed in a curve, in an artificial carved stone bed, with

a realização da obra que iria dotar a povoação nascente com uma autêntica infra-estrutura industrial. Essa obra foi a levada da Ribeira dos Moinhos.

As águas soltas e torrenciais, modeladoras daquelas escarpas e do profundo *canyon* que as conduzia ao mar, foram captadas acima daquelas e feitas correr, por um declive suave e desenvolvido em curva, num leito artificial de pedra lavrada, com abóbadas e câmaras de descarga. A levada, desenvolvida desde os altos hoje chamados de São João de Deus até ao que fora a embocadura natural da ribeira, veio a permitir também a criação de um espaço plano onde antes existira uma garganta a céu aberto. Nesse novo espaço viriam depois a situar-se a casa municipal e a praça central da futura cidade. Ao longo da levada, tornada fonte de energia motriz, implantaram-se doze moinhos, alcaçarias para curtimenta e um pisão de linho ou de pastel.

No alto do morro a que naturalmente se chamou Outeiro veio a construir-se, ainda no século XV, uma primeira fortaleza defensiva, logo depois com casas na sua encosta. De seu nome castelo de São Luís (ou de São Cristóvão) o povo depressa lhe deu o de castelo dos Moinhos. Dali se descia até ao mar por um caminho que acompanhava as margens da ribeira no seu curso final. Desse caminho subia-se, por ruas estreitas e íngremes, ao outro núcleo primitivo, dos marítimos, empoleirado sobre a falésia de nascente sobranceira ao mar.

Próximo do cais vieram a abrir-se bicas de água para abastecimento das embarcações que à beira delas varavam. A poucos metros ali ao lado, aproveitando ainda as últimas braças da ribeira que garantia uma vida económica à nova povoação, a irmandade do Santo Espírito fundou um hospital. Estava-se no dia 15 de Março de 1492. A esse tempo ainda nem Cristóvão Colombo obtivera a licença para a *empresa das Índias*. Mas a costa de África achava-se já descoberta até ao Cabo da Boa Esperança. Vinha oiro da Mina pela volta do largo. E navegantes dos Açores pescavam nos mares da *Terra do Bacalhau*. Muito mais haveria nas décadas seguintes, mas aquele nascia já como um hospital do mar.

Com o tráfego marítimo em aumento chegava uma correspondente prosperidade. Já então vila e logo cidade a partir de 1524, a povoação cresceu durante todo o século XVI. Ao lado da embocadura estava o cais, de uma banda a alfândega, da outra o matadouro. Os moinhos do capitão desciam desde o castelo sobranceiro à casa que ele fizera construir. A nascente, dominando o casario dos marítimos, erguia-se a casa do Provedor das Armadas e Naus da Índia, o *Armador*, como o povo simplesmente lhe chamava.

discharge vaults and chambers. The water-course was developed from the highlands, known in our days as São João de Deus, down to the natural water stream's mouth; it inclusively allowed, the creation of a flat space where once before was a canyon.

That new space would be the future location of Angra's City Hall and central plaza. Along the water-course, transformed in motor energy supply, were implanted twelve mills, tanneries, and a flax or a pastel (mustard family's plant) fulling-mill.

At the hillock's top, naturally called Outeiro (the Hillock) was built, still at the 15th century, a first defensive fortress, with houses in its slope. It was called castle of São Luís, or of São Cristóvão, but it was named castelo dos Moinhos (Mills' castle) by the people. From there one could descend to the sea, by a path which went side by side with the water-course. From that path one could climb, throughout declivitous and narrow streets, to another primitive nucleus, the maritimes' one, sit upon the East cliff and hanging over the sea.

Near the water stream's mouth, were open water-outlets to supply the vessels' crews. Close by, taking advantage of the remaining water stream's braces, that ensured an economic life to the new settlement, the Holy Ghost's fraternity founded a hospital, on the 15th March 1492. At that time Christopher Columbus still hadn't obtained the company of the Indies' permit. But the African coast was already explored down to the God Hope Cape. Gold came in from the Mina (Mine), and Azorean navigators fished cod near the Newfoundland. The Atlantic traffic's increase in the following decades, would justify even more the early edification of a hospital, already born to address that call.

The maritime growth led to a corresponding prosperity. The settlement, at the time already a small town, upgraded to city since 1524, kept growing during all of the 16th century. The pier, flanking the water stream's mouth, had, opposite to the customs, a slaughterhouse. The captain's mills descended along the castle's hill, overseeing his house. To East, the ship-owner's home stood out, dominating the Maritime's house row. (Ship-owner was the people's simply way of calling the Provedor das Armadas e Naus da Índia- the noble title given to the King's delegate for Maritime and Navigation affairs).

These were the times when America's silver and wealth from the Orient and Brazil arrived. Small war fleets arrived with foreign merchants. Angra was no longer a small Hillock acropolis and no longer the Rocha's maritime village. In 1524, the very same year when it became a city, Angra earned a bishop, the head of the new Diocese. And so Angra grew, with regular and wide streets, with its plaza, its City Hall, and a cross axis, from East to West, connecting the Conceição's and Alto das

Vinha agora prata das Américas, vinham riquezas do Oriente e do Brasil. Chegavam também flotilhas de guerra e mercadores estrangeiros. Já não era a pequena acrópole do Outeiro, já não era a póvoa dos marítimos da Rocha. No mesmo ano em que passou a cidade, Angra ganhava bispo como cabeça de uma nova diocese que abrangia as nove ilhas dos Açores. E crescia, com ruas largas e regulares, o seu pelourinho, a sua praça, a sua câmara e um eixo transversal, de leste a oeste, do Alto da Conceição ao Alto das Covas e à antepara protectora dos ventos que eram as casas de São Gonçalo.

O movimento portuário do século XVI atraía os perigos da pirataria atlântica, daí ser já quinhentista o primeiro aparelho defensivo da frente marítima da cidade. Desde o Porto de Pipas até ao Monte Brasil, tudo o que não fosse muralha natural tinha já uma construção protectora e fechada com portas – uma face severa que, não parecendo acolhedora efectivamente o era para quem chegava acossado pelos perigos do mar. Para lá dessa frente, sente-se a mão de um urbanista sem nome, sensível à meteorologia dominante, no risco das novas ruas. Afluíam operários, surgiam conventos, igrejas, solares, e os relevos mantidos do terreno aproveitavam-se para implantações monumentais. Contra as regras antigas, a nova catedral virava ousadamente a fachada a norte, a igreja dos Jesuítas, mais tarde a da Misericórdia, voltavam as frontarias para o sul. Não se faziam mais escadinhas, faziam-se escadarias. E as novas fortalezas – sentinelas do porto as portuguesas, baluarte contra mar e terra a espanhola – imprimiam a Angra o seu *skyline* castrense de encruzilhada atlântica marcada pelas novas tensões internacionais estendidas à escala dos oceanos. Era um cenário talhado pela História e para a História: que nela jamais deixou de se escrever.

No princípio do século XVII Angra recebeu as primeiras calçadas, dotou-se com uma rede de abastecimento de águas e começou a ganhar as características monumentais que lhe haviam faltado até essa altura. A primeira manifestação destas características foi a nova catedral, projectada ainda no século XVI e logo o castelo de São Filipe do Monte Brasil. A enorme fortaleza – o maior monumento de Portugal – potenciava até ao exagero o aparelho defensivo do porto, já assegurado desde 1570 pelo castelo de São Sebastião, sobre o flanco oriental da angra, e pelos pequenos fortes erguidos do lado oposto, na orla da península. A desmesura do castelo filipino, cuja área fortificada equivalia à do resto da cidade, marcaria de então em diante a fisionomia e boa parte da sua própria História. São ainda do século XVII a renovação das muralhas da alfândega e a construção dos outros maiores edifícios religiosos.

Covas' hills until São Gonçalo's house row wind shield.

Atlantic piracy menace came along with the increasing movement brought to Angra's harbour in the 16th century. Therefore the first city's waterfront defensive system was already built at that time. From Porto de Pipas to Monte Brasil, wherever nature failed to provide natural fortified walls, man made protective constructions and gates appeared instead. Despite its severe face, Angra's harbour welcomed those fleeing from the perilous sea. Beyond that defensive front, one can perceive the hand of a nameless, sensitive master builder, in the new streets design. Workers converged, convents, churches and manor-houses appeared, and monuments were built taking advantage of the uneven ground.

Breaking with all the traditional rules, the new cathedral's street-front façade faced North, and the Jesuits church's street-front, and, later on, the one of Misericórdia's church, both faced South, instead of East, as it was customarily. Impressive staircases replaced small stairs. Great fortresses – the Portuguese ones as harbour's guards, and the Spanish one as a bastion against the land- dominated the cove and gave Angra it's martial skyline look; Angra was label as an Atlantic cross-way by the new international maritime pressures. It was a set carved for and by History.

At the beginning of the 17th century Angra was endow with its first sidewalks and a water supplying network. It was also by this time that Angra began to display its monumental characteristics that lacked before. The new cathedral, still designed in the 16th century, was the very first sign of these new characteristics, followed by São Filipe's castle, in Monte Brasil. The huge fortress – in fact Portugal's greatest monument – empowered, up to an exaggerated level, the harbour's defensive device, already assured, since 1570, by São Sebastião's castle, over its oriental flank, and by the small opposite fortresses on the peninsula's border. The excessive Spanish castle, whose fortified area equalled the remaining city's one, would mark, from that date forward, the city's physiognomy, as well as great part of its own History. The Customs' walls renewal and the edification of the greatest religious buildings are also from the 17th century.

In the following century the 1st November 1755's earthquake, which tore Lisbon down, affected, both physically and mentally, all Europe, and had considerable effects on Angra's physiognomy. The subsequent tsunami reached the Azores under the form of three huge tidal waves that invaded the land up to a level never known before. Accordingly to the epoch accounts the reflux took with it the customs' and the slaughterhouse's walls left the ships in dry land and dragged all the anchored boats.

Eleven years went by, until the upbringing of the Azores'

No século seguinte, os efeitos do terramoto de 1 de Novembro de 1755, que arrasou Lisboa atingindo física e mentalmente quase toda a Europa, deixaram sinais na fisionomia de Angra. O maremoto por ele ocasionado atingiu os Açores sob a forma de três sucessivas vagas de mar que invadiram a terra até lugares nunca alcançados segundo a memória dos homens. No refluxo, contam relatos da época, *levaram as muralhas* da alfândega e as do matadouro, deixando os navios a seco ou com as âncoras a descoberto e arrastando todos os barcos ali varados. Onze anos volvidos criava-se a Capitania-Geral dos Açores, sedeadada em Angra. A sua marca arquitectónica logo se patenteou na transformação da casa dos Jesuítas em palácio do governo. Com a frente marítima da cidade ainda desfigurada pelos efeitos do tsunami de 1755, o primeiro Capitão-general determinou-lhe a reedificação, que alterou significativamente a face severa que Angra apresentara até às devastações então sofridas. O torreão em que se abria a porta do mar desapareceu sob uma esplanada donde descia uma escadaria dupla, abraçando um chafariz e rematada ao alto por dois arcos. O conjunto procurava já um claro efeito monumental, harmonizando-se com a nova igreja da Misericórdia, que substituíra do anterior templo quinhentista, com uma fachada avançando para sul, voltada ao mar. Era um enquadramento de aparato dantes inexistente e uma alteração funcional na entrada marítima da cidade. Esta mudança, originada numa catástrofe natural e operando uma adaptação aos novos tempos, duraria afinal até àquele em que vivemos.

Muito do característico no actual casco histórico da cidade – no lado dos seus habitantes, que o fizeram e fazem vivo – tem a marca de uma época usualmente só referida a episódios heróicos e revolucionários: a da viragem para o liberalismo português.

Liberal sem grande convicção (para não dizer mais ou menos à força, como o resto do país) a ilha Terceira foi, em um momento, o último reduto, depois a verdadeira testa-de-ponte dos constitucionistas portugueses. Em 19 de Outubro de 1830 se hasteava no porto de Angra, pela primeira vez em Portugal, a bandeira azul e branca do novo regime. Sede do Governo Provisório, depois da Regência, a cidade veria também da aí por diante a sua fisionomia alterada pelas sequelas da revolução. Três aspectos marcam esta alteração, todos vindos até aos nossos dias.

O primeiro aspecto, ideologicamente subversivo, teve bastante de utilitário e funcional, com a conversão de edifi-

Capitania-Geral (Captainship), with its headquarters in Angra, which would imprint its own obvious architectural mark from the start by transforming the Jesuits' home into the government's palace.

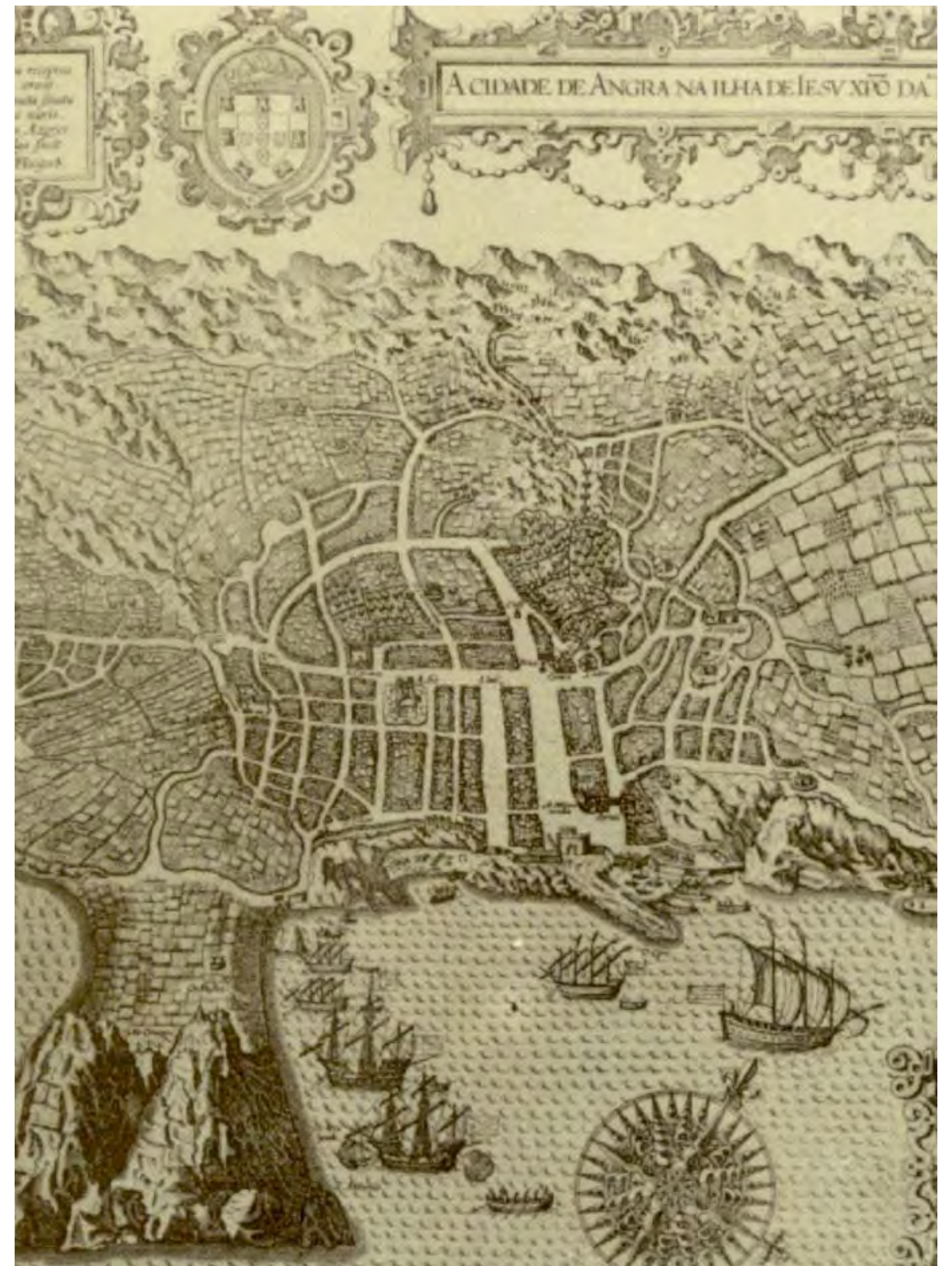
The city's maritime front, however, remained disfigured by the effects of the 1755's tsunami. Antão Vaz de Almada, the first captain-general, ordered its re-edification. These repairs significantly altered Angra's severe face, presented up to the tsunami's devastations. The fortified tower, with its Sea Gate, vanished under a public walk neighbouring the customs' building, from which one could descend through a double stairs flight, embracing a fountain and finished off at the top by two arches. The urban whole already aimed a clear monumental effect, harmonizing with the new Misericórdia's church that replaced the previous 16th century temple, with its street-front towards south, facing the sea. The frame gained an, until then, unknown apparatus as well as a functional change on the city's maritime entrance. These structural changes, caused by a natural catastrophe, operated an adjustment to the new conditions, lasting up to our days.

The city's most distinctive existing historical core – the common citizens' one, the one established and preserved by Angra's inhabitants – is marked by an epoch, usually referred to only in heroic and revolutionary terms: the Portuguese liberal epoch.

Liberal without true conviction, to say the least, as it was more or less imposed (like the rest of the country) Terceira island was at a point, the last redoubt and afterwards the true Portuguese constitutionalist's figure-head. On the 19th October 1830, for the first time in Portugal, the new regime's blue and white flag was hoist in Angra's harbour. Headquarters of the Provisional Government, afterwards of the Regency itself, the city's physiognomy was altered by the revolution's follow-ups. These changes were underlined by three aspects, which survived and subsist in the now-a-days Angra.

The first aspect, somewhat subversive, was very functional. It had to do with the religious edifications' conversion into profane buildings. Once the convents were extinct– like, in the previous century, the Jesuitical College was – civil uses for its houses appeared, like, for instance, in one case, a hospital, a public school in another, a third became a prison, still another one was transformed into an asylum.

The second aspect holds an intense social-economic tone. The landowner, idle, scarcely educated aristocracy, unfit to administrate their own propriety, deprived of all duties and specific military privileges began to enter in decay from which it would never recover. Angra became a bourgeois' city. A new social class emerged – better said, literally disembarked. The down



Mapa de Linchöten ~ Linchöten's map

cios religiosos em profanos. Extintos os conventos – como já fora, anteriormente, o colégio jesuíta – apareceram os usos civis para as suas casas, que passaram ora a hospital, ora a cadeia; ora a escolas públicas ora a asilos, ora a meros fins habitacionais.

Depois o segundo aspecto, com uma intensa nota sócio-económica. A aristocracia terratenente, marialva e de poucas letras, inepta para administrar o que tinha, desamparada pela legislação que abolira os morgadios e seus vínculos, privada de deveres e privilégios militares específicos, entrou num plano inclinado de que jamais se reconstituiria. E a cidade emburguesou. Uma nova classe social emergia – para não dizer, com maior precisão, que *desembarcava*. As ruas da Baixa, com a sua bela grelha quinhentista, recebiam em suas lojas homens de negócios, quase todos vindos do Continente português e que animaram um novo sector terciário havia muito quase inexistente. Criou-se um mercado de frescos, outro de gado e um jardim público, a expensas de antigas cercas conventuais. A maior renovação das fachadas é essencialmente desta época, com o seu paradigma na nova Câmara Municipal, a terceira que a cidade conheceu. À câmara seiscentista, com enxovias, escadas exteriores, alpendre e torre sineira, substituiu-se o edifício neoclássico copiado à justa da antiga câmara do Porto e sobrepujado por uma figura feminina que tanto podia ser a Atena grega como a *Britannia* do hino vitoriano, com plumas no capacete e um açor em punho, qual falcão no guante do caçador.

Finalmente, a negação romântica do passado por um monumento carregado de intenções. Acrópole da cidade, o velho castelo dos Moinhos estava desactivado por inútil, reliquia esquecida da era senhorial, construído que fora pelo primeiro capitão de Angra sobre o cabeço rochoso que dominava o casario urbano. Nesse mesmo alto onde houvera as suas muralhas se ergueu, em gesto ostensivamente simbólico, uma pirâmide de pedra à memória de D. Pedro IV, o imperador-rei. Era o marco afirmativo, porventura acintoso, da mudança havida – assinalando, no próprio sítio em que assentara a expressão física do antigo e extinto poder, que um mundo novo havia nascido. E de facto foi radical a mudança. Mais depressa Ainda do que se sumiam as fortunas dos antigos terratenentes, o próprio pelourinho da cidade desapareceu, apeado, sem dele jamais se saber o rasto.

Nos últimos cento e tal anos o porto de Angra sofreria outras alterações, com as estradas marginais escavadas nas duas arribas. Mas o seu tráfego reduzia-se às meras necessidades locais. A construção, na Praia da Vitória, do novo porto da Ilha Terceira, tiraria ao velho cais da Alfândega a

town streets, always keeping their beautiful 16th century urban grid, received in its shops business men, most of them from the Portuguese mainland, who boosted the, until then, barely existing services. A public garden was create, as well as the grocery and cattle markets, all built in former convent's enclosed fields. The great urban street-fronts renewal is, essentially, from this era. The city's paradigm found-itself in the new City Hall, the third and last that Angra would have to our days. The new neoclassic building, an almost perfect copy from Oporto's City Hall, crowned by a female figure, that could either be the Greek Atena or the Victorian hymn's Britannia, with feathers on her helmet and a goshawk on her fist, like a falcon on a hunter's glove, replaced the old 16th century building.

Finally, the definitive romantic denial of the past was given by a celebrating monument loaded with intentions. The city's Acropolis, the old Mills' castle, was deactivate for it was useless. It remained, however, a noble era's relic, as it had been built by Angra's first captain. In that same high hill where once stood the castle it was raise, in an ostensive symbolic gesture, a stone pyramid in memory of D. Pedro IV, the emperor-king. It was the ultimate affirmative landmark, somewhat malicious, of a new era – without any other purpose than to point out, in the exact same place where once stood the physical expression of the old and extinct power, that a new world was born. For the change was in deed radical. Faster than the rhythm in which the former landowners lost their fortunes, the city's pillory vanished without a trace.

In the last hundred years or so Angra's harbour suffered more changes such as the opening of marginal roads in both cliffs, along with the decrease of its sea traffic. With the construction of the new island's harbour, in Praia da Vitória, the old Customs' pier lost all of its dock's functions, until it was reduce now-a-days, to a complement area of the present recreation port.

Even though the sailing-ships navigation era had come to an end, along with the dock's bustle and the shipyards' hammering of the past, something still remains. Barely intact and even alive and noble (probably because Angra froze in time) is the testimony of this Atlantic and Portuguese city, central character of the Age of Discoveries and of the subsequent maritime expansion that united the whole world. And that is the legacy that the knowledgeable world, gradually, in an incredulous and astonished way, is beginning to discover.

This new perspective was born on the 1st January 1980. The earthquake of that day acted like an alarm clock for its inhabitants and politicians, giving them a sharp conscience over the meaning and value of this city as an unique urban whole from a historical point of view, as well as from the urban solutions' and

sua antiga função, deixando-o em mero complemento pedonal do porto de recreio a que a angra histórica se acha hoje reduzida, assim se fechando um ciclo portuário que há muito se esbatia.

Passados que assim se acham a grande navegação à vela, o bulício portuário dos outros tempos, o martelar dos estaleiros, algo todavia permanece. Porque quase intacto e até vivo e nobre (quicá por força do que foi perdendo e de algum modo a fez parar no tempo) ficou na verdade o testemunho desta cidade portuguesa e atlântica, protagonista dos Descobrimentos e da sequente expansão marítima que fez da Terra uma só. É isso que mundo culto, aos poucos e poucos, entre incrédulo e surpreendido, vai começando por seu turno a descobrir.

Esta perspectiva tem crescido a partir de 1 de Janeiro de 1980. O terramoto que nesse dia abalou os Açores actuaria como um despertador para os seus moradores e responsáveis políticos, dando-lhes uma consciência aguda do que esta cidade significava e valia como conjunto único do ponto de vista histórico, de soluções urbanísticas e mesmo de vida em comunidade. Peritos da UNESCO, na decorrência de uma visita a Angra logo após o sismo, sugeriram a possibilidade da inscrição do seu conjunto histórico na lista do Património Mundial. Os trabalhos preparatórios do processo de inscrição levaram, naturalmente e sobretudo quem os fez, a redescobrir a cidade na sua História, no ímpeto marítimo e universalista que foi a sua razão de ser, nas disputas internas e internacionais que de uma maneira ou outra a atingiram. Angra, dormitando no século XX e, na altura, até meio destruída, revelava-se como a *cidade transatlântica* por onde transitavam o ouro e a prata da América, as especiarias do Oriente, o açúcar e as madeiras do Brasil, tudo trazido na rota dos alísios, que também atraía os grandes corsários e as frotas em busca do domínio do Atlântico. Uma dinâmica de dois ou três séculos fixara-se e documentava-se nas fortalezas imponentes, nas igrejas e nos conventos desproporcionados, nas ruas bem alinhadas... Desenhavam-se as linhas da primeira globalização, desde o Oriente à Europa, da Europa ao Novo Mundo, com as centralidades que ela implicou. Foi assim e por força disto que, em Dezembro de 1983, esta cidade quase desconhecida e como que perdida no meio do oceano e no olvido da História, ficou inscrita na lista do Património Mundial.

community life's points of view. Visiting Angra two weeks after that earthquake, the UNESCO's experts suggested the possibility of inscribing its historical city centre in the World Heritage List. The inscription proposal's preliminary works naturally led, especially those involved in them, to the rediscovery of the city's History, in its maritime and universalistic impetus that was its main existing reason, in the international and internal disputes that affected the city in one way or another. Angra, dozing throughout the 20th century and, at the time, half destroyed, managed to reveal itself as a transatlantic city. Angra was a central piece of the Atlantic traffic, where America's gold and silver, spices of the East, and Brazilian sugar and woods were brought by the trade winds' route that also attracted pirates as well as the foreign fleets in search of the Atlantic domain. A two or three centuries' prosperity set-itself in the imposing fortitudes, in the churches, in the disproportionate convents and in the well aligned streets. The first globalization guidelines were thus designed, from the Far East to Europe, from Europe to the New World, with its implied centrality. Therefore and because of this, in December 1983, this barely unknown city, somewhat lost in the middle of the ocean and in History's memory, was inscribe in the World Heritage List.



Gravura de Lebreton, detalhe ~ Lebreton's print, detail



diário de bordo *log-book*

... Colocados no centro da baía de Angra, os passageiros do Seamew podiam contemplar um dos mais admiráveis panoramas com que a terra-mãe alegra o olhar dos seus filhos. Por detrás deles o vasto mar, semeado de quatro ilhéus, os Frades e as Cabras; à direita e à esquerda, rochedos negros e ameaçadores baixando de um e outro lado, como que para formar uma cama imensa onde a cidade de Angra se estendia harmoniosamente. Flanqueada pelos seus fortes, ao norte e ao sul, elevava em anfiteatro, aos raios do dia que morria, as suas casas brancas, os campanários com as suas cúpulas. Mais longe, servindo de moldura ao quadro, elevavam-se colinas, esmaltadas de quintas, laranjeiras e vinhas, em escada suave até ao campo verdejante e fecundo que coroava os últimos cumes. O ar estava agradável, o tempo soberbo e uma brisa perfumada

... Standing in the middle of Angra’s bay, the Seamew’s passengers could admire one of the most splendid views Mother-earth has to offer her children. Behind them the immense sea strewn with four islets, the Frades and the Cabras; to the right and to the left, black menacing lowered rocks, formed a huge bed, where Angra’s city harmoniously spread itself. Flanked to the north and south by its fortresses, lifted in amphitheatre, by the last sun’s beams of the fading day, its white houses, the domes of the bell towers.

Further away, serving as this picture’s frame, hills rose, enamelled with farms, orange-trees and vineyards, in a smooth ladder up to the fruitful, fresh and green field which crowned the last hills’ top. The air was pleasant, the weather

soprava da terra próxima. Encostados à balaustrada do spardeck, os passageiros admiraram este espectáculo, apenas inferior ao que oferece a baía de Nápoles pelas suas maiores dimensões, até ao momento em que desapareceu na noite, que se ia adensando.

O trecho é de Júlio Verne, a páginas tantas da Agência Thompson & Cª, um dos seus romances, escrito há bem mais de cem anos. E é a visão de Angra do Heroísmo de quem a ela chegava por mar no último quartel do século XIX.

Eis um bom aperitivo para quem começa a percorrê-la agora. Um pouco como os viajantes fictícios do romancista francês, imaginemos as impressões de quem aborda hoje a cidade de Angra. Também por mar, claro, porventura em um dos iates que lhe demandam a marina. E que, desembarcando, a vai calcorreando a pé, descobrindo-a rua a rua, canto a canto, nos seus espaços e nas suas gentes.

superb and a perfumed breeze was blowing from the nearby land. Leaning over the spar deck’s rails, the passengers contemplated this spectacle, only inferior to the one offered by Naples’ bay, because of its greater dimensions , until the moment it vanished into the increasingly dense night.

The author of this passage is Jules Verne, belonging to one of his novels, Thompson & Cº, written over a hundred years ago. That was Angra’s image from the point of view of those who arrived by sea, in the last quarter of the 19th century.

Here’s a good appetizer for those who are visiting the city. A bit like the French novelist’s fiction travellers, let us imagine the first feelings of a now-a-days tourist. Ours arrived also by sea, of course, probably on one of the yachts that roam to Angra’s marina, and, disembarking, begins to discover the city, by foot, street by street, corner by corner, in its places and people.



O relevo da ilha visto do mar ~ The island's outline seen from the sea

angra, porto de abrigo

angra, sheltered harbour

Como uma miragem, vejo nascer da bruma o relevo da ilha. Tal como há quinhentos anos, a luz matinal traz-me uma visão de segurança, à medida que me aproximo desta Angra das naus. O mar calmo envolve esta ilha menina-mulher, e o vento que enche as velas do meu barco transporta risos de gente e gritos de gaivota.

Aconchegada no abraço do Monte Brasil, península vulcânica cintada de muralhas, Angra do Heroísmo desperta com o primeiro beijo do Sol. A igreja da Misericórdia, orgulhosamente virada para o mar, enfrenta o azul desconhecido e acolhe os marinheiros sequiosos de terra firme.

Rodeada pela fortaleza de S. João Baptista, a Oeste, pelo castelo de S. Sebastião, a Este, a Baía transpõe o próprio Tempo na sua imponente defensiva. Contudo, este invencível porto de abrigo espera por mim: sigo os mastros ondu-

As a mirage, I witness the island's silhouette, rising from the mist. Now, as five hundred years ago, the morning light brings with it a sense of safety, while I approach this city of all ships. The calm sea embraces this maiden island, and the breeze in my sails carries on its wings, people's laughter and seagull screams.

Cuddled in Monte Brasil's embrace, a volcanic peninsula encircled by walls, Angra do Heroísmo is awoken by the sun's first kiss. The Misericórdia church proudly faces the sea, standing up to the unknown blue to welcome the firm land longing sailors.

Surrounded, to the west, by S. João Baptista fortress and to the east by S. Sebastião's castle, Angra's bay transposes Time itself with its defensive grandeur. However, this invincible sheltering harbour awaits me: I follow the swelling masts and head to the modern marina, framed in a background made of sea and stone. In the deep waters, dozens of archaeological wrecks lie under my



A visão da cidade na aproximação à Marina ~ Angra's view approaching the marina



lantes e dirijo-me à marina moderna e funcional, enquadrada numa paisagem feita de mar e de pedra. Nas águas profundas sob os meus pés, jazem dezenas de bens arqueológicos submersos, testemunhas adormecidas do tráfego intenso da Carreira das Índias. O Cais da Alfândega e as Portas do Mar, entrada privilegiada de mercadorias e gentes, estão hoje recuperados, num registo contemporâneo que interliga o passado, o presente e o futuro.

Sigo ao longo da baía em direcção ao castelo de S. Sebastião. Enquanto percorro a marginal, vou-me apercebendo da consolidação da encosta do Cantagalo, encimada por um miradouro da autoria de António Dacosta.

Mais adiante, o Porto das Pipas converteu-se num recinto de comércio e restauração, para o convívio e lazer. Ponto de confluência entre povos e culturas, o sorriso hospitaleiro de Angra fomenta hoje, como sempre, a afluência de visitantes.

O castelo de S. Sebastião, do séc. XVI, foi concebido por Tomaz Benedito de Pesaro. Terminada a sua edificação durante o reinado de D. Sebastião, toma o nome do monarca. Atento às especificidades de uma defesa costeira, Isidoro de Almeida ordena a construção deste forte, que viria a colmatar as lacunas da estratégia defensiva interior do castelo de S. Luís ou dos Moinhos, desajustado às necessidades de um apoio portuário. Impedir desembarques, e não fugir deles, era a verdadeira necessidade defensiva de Angra. O forte de



Casario branco de Angra ~ Angra's white row of houses



< Baía de Angra aos pés do Monte Brasil ~ Angra's bay at Monte Brasil's feet

Encosta sudoeste do Monte Brasil ~ Monte Brasil's southeast slope



Baía de Angra ~ Angra's bay

S. Sebastião cobria, no perímetro dos seus baluartes, o Porto de Pipas, uma pequena baía a leste e a baía de Angra.

O castelo de S. Sebastião foi alvo de intervenções de recuperação, recriando a estética belicista de outrora. Actualmente, o castelo foi convertido numa Pousada de Portugal, aproveitando a sua moldura histórica e enquadramento paisagístico. É, agora, berço de uma pousada histórica, de onde a minha vista alcança belas paisagens. De um lado, a visão privilegiada sobre a Baía de Angra, o Monte Brasil e a cidade histórica. Do outro, descubro a costa Este da ilha, recortada de pequenas baías inacessíveis. Observo a silhueta dos Ilhéus das Cabras – cratera vulcânica marítima para sempre partida em duas, qual namoro platónico de duas almas gémeas. Os garajaus rosados bailam num voo cantado, em redor das encostas daquela que é a sua reserva protegida de avifauna.

Deixo para trás a paisagem da costa Este e parto em direcção ao centro histórico de Angra do Heroísmo.



feet, sleeping witnesses of the once intense Enterprise of the Indies' traffic. The Customs' pier and the Sea Gate, once a privileged entrance of merchandise and people, were reconstructed, in a contemporary intertwine of the past, the present and the future.

I keep walking along the bay towards S. Sebastião castle. While crossing the marginal avenue, I came to realize the Cantagalo slope's consolidation work, crowned by a belvedere signed by António Dacosta.

Further ahead, Port de Pipas, an old maritime pier, has been converted into a public recreation space, with shops and restaurants. Meeting point for different people and cultures, Angra's hospitable smile, now as in the past, greets all visitors.

S. Sebastião's castle, the first harbour's defensive post was conceived by Tomaz Benedito de Pesaro in the 16th century. Once finished, during D. Sebastião's reign, the castle which perimeter covered a considerable area, including Porto de Pipas, took the monarch's name. Aware of the inherent characteristics of a successful maritime defensive strategy, Isidoro de Almeida ordered its construction to overcome the gaps of the previous one based upon São Luís' castle also known by Mills's castle, unfit to address those needs. Instead of escaping, Angra's real defensive needs were to prevent all hostile disembarks.

The S. Sebastião castle was object of several restoring interventions, gaining back its former martial aesthetics. Now-a-days it's a Portuguese hostelry, taking advantage of its historical frame and of a beautiful landscape, from which one can see, on one side, the Cabras islets (former maritime volcanic crater, protected home of the pink sea-swallow, divided in the middle like two twin souls, doomed by fate to a Platonic courtship) and, on the other side, from the top floor, Angra's bay and, at the back, Monte Brasil's view.

I leave behind this landscape and head into Angra's historical classified zone.



A cidade entre o verde e o mar ~ The city amidst the sea and the countryside



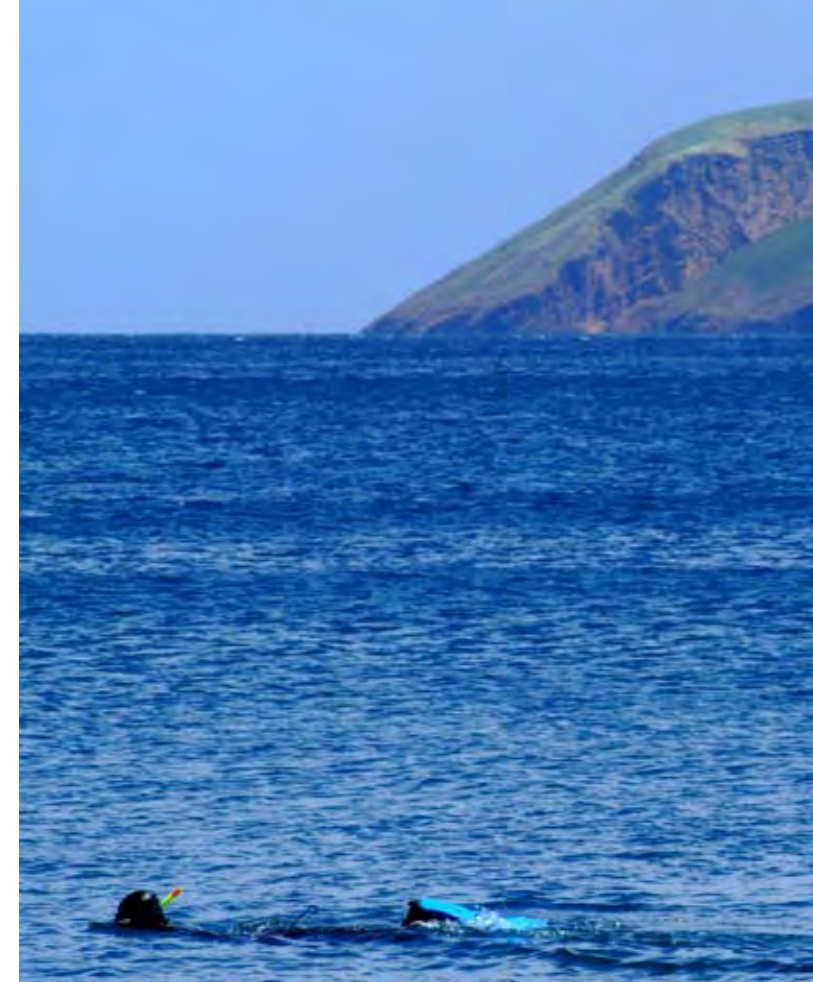
Marina de Angra ~ Angra's marina



Angra à noite ~ Angra by night

Entre a península do Monte Brasil e uma ponta rochosa a nascente, surgiu a angra, abrigada e profunda. Porto natural único, essencial para a navegação nestas partes do Atlântico. Nesta baía existiu, durante séculos, o estaleiro naval que apoiava, entre outras, as embarcações vindas da Carreira das Índias. Rodeada pela fortaleza de S. João Baptista, a Oeste, pelo castelo de S. Sebastião, a Este, a Baía transpõe o próprio Tempo na sua imponente defensiva. A marina moderna e funcional está enquadrada numa paisagem feita de mar e de pedra. Nas águas profundas, jazem dezenas de bens arqueológicos submersos.

Between the Monte Brasil peninsula and a rocky tip to the East, Angra (the cove) arose, sheltered and deep. A unique natural harbour, essential for the navigation on these parts of the Atlantic...For centuries, there was a naval shipyard in this bay, giving support to the heavy Enterprise of the Indies' vessels traffic. Surrounded, to the west, by S. João Baptista's fortress and to the east by S. Sebastião's castle, Angra's bay transposes Time itself with its defensive grandeur. The modern marina is framed in a background made of sea and stone. Dozens of archaeological wrecks sleep in the deep waters.



Mergulhando entre naufrágios ~ Wreck diving



< Prainha no Verão ~ Summertime in Prainha beach

As esplanadas da Marina de Angra ~ Angra's Marina outdoor



< Marina de Angra com ilhéus das Cabras no horizonte ~ Angra's marina with Cabras' islets on the horizon

Estrada Pêro de Barcelos ~ Pêro de Barcelos' road



Castelo de S. Sebastião (vulgo Castelinho) ~ S. Sebastião Castle (known as Castelinho)



O castelo de S. Sebastião, do séc. XVI, foi concebido por Tomaz Benedito de Pesaro. Terminada a sua edificação durante o reinado de D. Sebastião, toma o nome do monarca. Atento às especificidades de uma defesa costeira, Isidoro de Almeida ordena a construção deste forte, que viria a colmatar as lacunas da estratégia defensiva interior do castelo de S. Luís ou dos Moinhos, desajustado às necessidades de um apoio portuário. A verdadeira necessidade defensiva de Angra era a de impedir desembarques, não refugiar-se deles. O forte de S. Sebastião cobria, no perímetro dos seus baluartes, o Porto de Pipas, a baía de Angra e uma pequena baía a leste.

S. Sebastião's castle, the first harbour's defensive post was conceived by Tomaz Benedito de Pesaro in the 16th century. Once finished, during D. Sebastião's reign, the castle which perimeter covered a considerable area, including Porto de Pipas, took the monarch's name. Aware of the inherent characteristics of a successful maritime defensive strategy, Isidoro de Almeida ordered its construction to overcome the gaps of the previous one based upon São Luís' castle also known by Mills's castle, unfit to address those needs. Instead of escaping, Angra's real defensive needs were to prevent all hostile disembarks.

??? ~ ???



Pousada histórica de S. Sebastião ~ *S. Sebastião historic hostelry*

Porto de Pipas na mira ~ *Porto de Pipas in firing range* >





O casario de Angra visto do Monte Brasil ~ View of Angra's row of houses from Monte Brasil

Porta da Prata aberta ao mar ~ *Porta da Prata opening to the sea*

Embora seja conhecida como Porta da Prata, esta passagem foi construída num período posterior à ocupação filipina. A sua denominação é alusiva ao trajecto que a prata espanhola, chegada nas embarcações vindas da América do Sul, percorria entre a Prainha e a Fortaleza de S. João Baptista (então chamada de S. Filipe) para armazenamento seguro, durante a sua estadia em Angra. Hoje, a Porta da Prata é parte integrante do circuito pedestre entre a Prainha e o parque recreativo do Relvão.

Despite its name, the Porta da Prata (Silver Door) was built after the Spanish occupation. The Porta da Prata's name is a reminder of the path used by the Spanish soldiers to safely store the silver that arrived in the vessels, on their way from South America to Europe. The safe house for the silver was the S. João Baptista Fortress (at the time, called S. Filipe). Nowadays, it is a part of the pedestrian connection of the Prainha (beach) to the Relvão recreational park.



Angra encimada pelo Obelisco da Memória ~ Angra crowned by Memória's obelisk



Ilhéus das Cabras ~ Cabras' islets >



Do topo da encosta do Cantagalo, aproveita-se uma vista excelente de toda a baía, desde as fortificações à moderna marina. De facto, toda a zona envolvente da Baía que, em tempos, estava vocacionada para o apoio às embarcações e tripulações vindas do Mundo Novo em direcção ao continente europeu está, hoje, convertida num conjunto de zonas de recreio e lazer. Uma marina, esplanadas, uma zona balnear e espaços pedestres amplos congregam, à tarde e à noite, muitos visitantes em torno da Baía.

From the Cantagalo hilltop, one may enjoy an excellent view over the entire bay, from the fortress defensive system to the modern marina. In fact, the entire area that surrounds the bay was, in the past centuries, fit to address the needs of the vessels and crews arriving from the New World and leaving towards the European continent. Nowadays, the bay's surroundings are converted into an ensemble of leisure and recreational areas. A marina, street cafés, a beach and wide walking circuits are a strong motif for people getting together around Angra Bay, in the afternoons and evenings.



zona classificada

angra's historic down-town

Embrenho-me no Centro Histórico, sabendo de antemão que as ruas que percorro se encheram de escombros e ruínas no dia 1 de Janeiro de 1980, após um sismo que abalou Angra até às suas fundações, surpreende-me a beleza e conservação dos edifícios e fachadas. Há mais Heroísmo em Angra do que a cidade deixa perceber ao visitante distraído. De facto, foi a força de vontade e a paixão desta gente que possibilitou, nos dois anos consequentes à destruição causada pelo Sismo de 80, uma transformação total do Centro Histórico, ao qual foi devolvida a sua dignidade. Unidos pela adversidade, os angrenses garantiram, mais uma vez, que são merecedores dos títulos honoríficos que o divisa da cidade ostenta: “Mui Nobre, Leal e Sempre Constante Angra do Heroísmo”.

Provas dadas do seu apego a Angra, os cidadãos deste porto conquistaram mais um troféu: a integração do seu Centro Histórico, em 1983, na Lista do Património Mundial da UNESCO. Muito embora a classificação se justifique pelo papel crucial que Angra desempenhou no quadro da expansão europeia e portuguesa no mundo, a par do Convento de Cristo em Tomar, da Torre de Belém ou do Mosteiro dos Jerónimos, a aprovação por parte da UNESCO nunca teria sido possível, caso a cidade não estivesse cuidadosamente restaurada – mercê da recuperação arquitectónica subsequente ao sismo.

Do Alto da Memória, no Largo de S. Luís, onde começo a minha descoberta de Angra do Heroísmo, eleva-se o obelisco da Memória. Subindo as escadas, deparo-me com uma visão privilegiada sobre a cidade. De facto, não poderia ser de outro modo: neste antigo Outeiro, João Vaz Côrte-Real mandou construir aquela que foi a primeira fortaleza dos Açores, nos tempos do povoamento das ilhas (1474). Da sobrançeria desta elevação sobre a cidade, depreendo um primeiro contraste entre os urbanismos medievais e renascentistas. Aos pés da antiga fortificação, ficava a casa do Capitão do Donatário, protegida num arruamento com acesso directo ao porto. A uma distância considerável do mar, a localização dessa fortaleza era a expressão de uma estratégia defensiva pensada nos moldes continentais. Uma posição fortificada numa colina sobre o povoado é indicativa do conceito clássico da acrópole.

Knowing, beforehand, that these city's streets were filled of wreckages and ruins on the 1st January 1980, after an earthquake that shook Angra down to its foundations, I can't help being astonished by the beauty and preservation of its buildings and street fronts. There is more Heroism in Angra than the one that meets the absent minded visitor's eye. Thanks to its inhabitants' force of character, will and passion, it was possible, during the two subsequent years after 80's earthquake, to give back to the city, especially to its Historical core, all of its former dignity and greatness. United in adversity, Angra's citizens gave proof, once more, that they are worthy of the honourable titles inscribed in the city's device: "Most Noble, Loyal and Always Constant, Angra do Heroísmo".

Angra's citizens devotion was, once again, rewarded in 1983, when the city's historical down town area, conquered another trophy: its incorporation on the UNESCO's World Heritage List. Although the classification could be justify, as those of Torre de Belém and of Mosteiro dos Jerónimos, for the crucial role performed by Angra on the quest of the Portuguese Maritime Discoveries, the UNESCO's approval, would never had been possible, if the city hadn't been object of a careful, historical wise respected, restoration.

On top of Memória's high hill, in São Luís' square, from where I begin my personal discovery of Angra do Heroísmo, stands the Memória's obelisk (Memory's obelisk). Climbing the monument's stairs, I find myself facing a privileged view of the city. It couldn't be otherwise: in the island's colony era (1474), by João Vaz Côrte-Real's command was built, in this ancient hillock, the first Azores' fortress, from where he could foreseen and defend the settlement against a sea invasion.

From this strategic height I begin to identify a first contrast between the medieval town planning and the renaissance's one. At the former fortress' feet stood sheltered the Capitão do Donatário's home, in a path with direct access to the pier. Located from a considerable distance to the sea, the ancient fortitude's position was a classic defensive strategy's choice. A fortified position on top of a hill is clearly based upon the acropolis classic's concept.

A posterior adaptação das linhas defensivas à necessidade de garantir a segurança das embarcações haveria de causar a transferência das fortificações para o perímetro do porto, e o consequente abandono da fortaleza de S. Luís. Em seu lugar, erigiu-se, desde meados do séc. XIX, um obelisco comemorativo da passagem de D. Pedro IV pela Terceira. O monumento recorda a importância dessa presença, que foi decisiva para a vitória de liberais sobre absolutistas e para a consequente queda da monarquia portuguesa. Na Terceira, foi preparada a tomada do poder de D. Pedro IV, tendo a ilha sido o baluarte da causa do Imperador do Brasil.

Lanço um último olhar ao Monte Brasil, elemento dominante da paisagem que observo, e desço pelos arruamentos medievais do Pisão, pela esquerda do obelisco da Memória.

A sinuosidade da Rua do Pisão é prova de um planeamento urbano arcaico, acompanhando a ribeira numa sequência de “y” que se estende pelas Rua da Garoupinha e Santo Espírito, desde o outeiro até ao cais da cidade. Tal como todos os povoamentos da época, Angra cresceu, inicialmente, em função da fonte mais próxima de água, essencial ao crescimento próspero da população e de diversas actividades económicas. A Rua da Garoupinha foi assim baptizada como recordação do maremoto de 1755, que inundou Angra até à zona alta da cidade. A cada passo, a cidade vai-se abrindo para mim, revelando a sua história em tom de segredo.

Do meu lado direito, recorta-se o perfil do convento

The subsequent revision of the defensive lines, in order to assure the ships’ security was on the decisions’ core to transfer the city’s fortresses to the harbour’s perimeter, with the subsequent abandon of S. Luis’ fortress.

In its place was erected, in the middle of the 19th century, a commemorative obelisk of D. Pedro’s IV visit to Terceira. The monument recalls the importance of his presence, crucial not only to the liberals’ victory over the conservatives and subsequent fall of the Portuguese monarchy, but also for Angra’s prestige. The preparations which led D. Pedro’s IV to seize the power were made in Terceira’s island, which maintained its fidelity to the Emperor of Brazil’s cause against D. Miguel.

Giving a last glimpse at Monte Brasil, I go downwards through the Pisão’s medieval street, in the left side of Memória’s obelisk. This street’s sinuosity, escorting the former water stream, ending in a “Y” shape towards Garoupinha’s street and Santo Espírito’s street, is an indisputable proof of an archaic urban planning. As all settlements of the epoch, in the beginning Angra grew, attending the nearest water supply, essential to the prosperity growth of the population and of all its economical activities. The Garoupinha’s street (Grouper Street) was like this named as a recollection of the 1755’s tsunami, that flooded Angra up to the high zone of the city. In each footstep, the city unveils itself to me, enigmatically revealing its history.

On my right side, S. Francisco’s convent silhouette stands out. Built for housing the Franciscan Order, the convent was



Outeiro da Memória e Rua do Pisão ~ Memória’s hill and Pisão street



Obelisco da Memória ~ Memória obelisk >



Angra vista da Memória ~ Angra seen from Memória

de S. Francisco. Criado para albergar a Ordem de S. Francisco, o convento é uma construção seiscentista erigida sobre duas clausuras pré-existentes. Obedecendo a uma traça arquitectónica característica da austeridade franciscana, o convento de S. Francisco alberga, desde a segunda metade do século XX, o Museu de Angra do Heroísmo.

Depositário fiel de fragmentos singulares da História de Angra, o Museu apresenta uma conjugação arquitectónica sábia do passado com o presente. Funcional e pedagógico, o Museu de Angra do Heroísmo guia-me pelas suas salas, numa descoberta progressiva da evolução desta Angra heróica. Mais do que a revelação e aprendizagem que me proporciona, o Museu sublinha aquela que é a componente mais crucial da História de Angra – a vertente humana.

Voltando ao cruzamento, saio do Museu para subir a Rua do Cruzeiro em direcção à Praça Dr. Sousa Júnior. O topo das árvores ensombra os bancos deste fresco retiro em plena cidade. Sigo agora para o pequeno arruamento que é a continuação da Rua do Cruzeiro, até chegar ao largo da Igreja da Conceição. Alterada durante os séculos XVII e XVIII, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição localiza-se no limite da Zona Classificada de Angra do Heroísmo, no seio de um conjunto de arruamentos de cariz medieval. Um planeamento urbano arcaico contrário à geometria do coração do centro histórico rodeia o templo mariano, cuja fachada barroca substituiu, após diversas alterações, uma primeira ermida datada do início do povoamento, também ela devotada a Nossa Senhora da Conceição. De facto, a primeira ermida terá sido reconstruída em 1553, alargando e engrandecendo a anterior construção.

Caminho ao longo das suas três naves interiores, pontuadas por altares em talha dourada. No seu interior, telas do séc. XVII versando os passos da vida da Virgem e uma descida da Cruz (de escola portuguesa) enriquecem os diversos altares. Demoro-me a contemplar os painéis que recriam cenas do antigo testamento, da autoria dos mestres da Sé, com execução do início do século XVII. A mestria dos artesãos da Sé, reflectida em inúmeras peças de arte sacra distribuídas pelos templos açorianos, trespassa o tempo e dignifica o papel central da cidade de Angra no século XVII – ultrapassando os vectores económico e comercial, a própria produção artística angrense reflecte uma grande concentração de riqueza e poder religioso setecentista.

Contorno o largo da Conceição até à Rua do Armador. Baptizada com este nome devido à proximidade imediata do solar dos Remédios, moradia do Provedor das Armadas, a Rua do Armador segue uma lógica urbanística arcaica de serventia aos edifícios circundantes. Pela Rua do Faleiro, chego ao largo da Alfândega.

erected on top of two pre-existing cloisters, in the 17th century. Obeying to an architectural draft typical of this brotherhood's austerity, S. Francisco's convent lodges, since the second half of the 20th century, Angra's Museum.

Faithful guardian of singular fragments of Angra's History, the Museum displays a wise architectural conjugation of the past with the present. Functional and pedagogical, Angra's Museum guides me through its rooms, in a fascinating and progressive discovery of this heroic Angra's evolution. More than the revelation and learning that it provides me, the Museum underlines the most crucial component of Angra's History – the human one.

I leave the Museum, returning to the cross-road, and move up to the Cruzeiro's street, towards the Dr. Sousa Junior's Plaza. The benches of this fresh withdrawal offer a pleasant shadow thanks to the trees of this city's central plaza.

I continue to walk, this time towards the narrowed street, which is in deed the rest of Cruzeiro's street, until I reach Nossa Senhora da Conceição's sanctuary. This temple, located at the limits of the UNESCO's classified area and in the bosom of a medieval aspect look streets layout, was altered during the 17th and 18th centuries.

In fact this Mariano's sanctuary is implanted in an archaic urban planning, diverging from the geometrical urban planning of the city's heart. After several alterations, the temple's baroque facade took the former chapel's place, from early settlement's epoch, also devoted to Our Lady's Conception. In reality the early chapel, known to have been rebuilt in 1553, by then widening and enlarging, gave place to the subsequent construction.

I walk along the three temple's bodies, crowned by golden carving altars. Inside 17th century canvas, showing several episodes of the Virgin's life and Jesus descending from the Cross (from the Portuguese school) enrich the several altars. I setback in contemplation of the sanctuary's paintings representing multiple passages' recreations of the Old Testament, made by the masters of Sé's Cathedral, at the beginning of the 17th century. The expertise of Sé's artisans, reflected in countless religious art pieces displayed in different Azorean temples, is timeless and it's a dignifying factor of Angra's central role in the 17th century XVII – surpassing the economical and commercial aspects, Angra's artistic creations alone, reflect the great wealth and religious' power centralization of the era.

Going around Conceição's plaza, I head to the Armador's street (Ship-owner's street), which name was due to its proximity to the Remédios' manor-house, where the Provedor das Armadas (the noble title given to the King's delegate for Maritime and Navigation affairs, known as the Ship-owner) used to live. The Ship-owner's street obeyed to an



Telhados da rua do Pisão ~ Pisão street roof tops



Ondulando entre dezenas de mastros, reconheço as velas recolhidas da minha nau de sonho, adormecida no embalo doce das águas da marina de Angra. Destemida, a Igreja da Misericórdia mede forças com o mar, desafiando o poder da Natureza com a face erguida da fé dos Homens. Entrando pela porta lateral, do lado esquerdo do edifício, exploro o interior do templo.

A Igreja da Misericórdia era igualmente conhecida como a Igreja do Hospital, que lhe ficava anexo, do outro lado da rua mas ligado então à igreja por uma passagem coberta em arco. Neste hospital, de vocação portuária, estrategicamente construído à beira mar, se amparavam os marinheiros que aportavam a Angra. Fundado em 1492, o Hospital começou como uma obra da irmandade do Espírito Santo, mais tarde absorvido pela Casa da Santa Misericórdia.

A igreja actual, enquadrada por duas ruas da cidade, construída sobre a primitiva, também aqui implantada, é uma das mais modernas de Angra. Edificada no século XVIII a sua traça interior assemelha-se aos vários templos de uma só nave da Lisboa dessa época. No seu interior, talhas e azulejaria, bem como a tela alusiva à descida do Espírito Santo sobre a Virgem e os Apóstolos, embelezam a grandiosa nave central. Frente a frente ficam os dois altares laterais, um devotado ao Espírito Santo e o outro ao Santo Cristo das Misericórdias.

archaic urban logic of usefulness to the surrounding building.

Going down the street, and making a left turn into Faleiro's street - named after the marquis of Castelo Rodrigo's solicitor who lived here- I end up at the ancient Adro Santo (Holy Atrium). Before my eyes Angra's harbour scenery opens itself to me, from the Castelinho to Monte Brasil.

I go down the declivitous, sinuous streets, typical of a medieval town planning, passing by the harbour's workers' houses row, to end up in the Pátio da Alfândega (Customs square). Undulating between dozens of masts, I recognize the lowered sails of my own dream vessel, sleeping to the waters' marina's sweet lullaby. Fearless, the Misericórdia's church measures its strength against the sea, challenging Nature's power over men's faith. Entering the lateral door, on the left side of the building, I begin to explore the temple's interior. The Misericórdia's church stands here since the settlements' early days.

Misericórdia's church was also known as the Hospital's church, since it was linked to its annexed hospital, by a covered crossing arch. This harbour's hospital, with a maritime call, was strategically built by the sea, to give assistance to the arriving sailors. Built in 1492 this hospital started of as a Holy Ghost's Fraternity edifice, later on assimilated by the Casa da Santa Misericórdia (Mercy's Holy House).



As obras de consolidação e restauro do templo revelaram os caboucos da igreja anterior, do século XVI, que podem ser visitados no acesso por debaixo do sobrado da igreja, onde podem ser vistos restos mortais de gente que foi enterrada nessa primeira igreja.

De volta ao Pátio da Alfândega, deparo-me com a visão da marina através das arcadas das Portas do Mar. Encontro-me no local onde, por mais de trezentos anos, entraram homens cansados e desejosos de terra firme. Chegados de viagens atribuladas, os capitães do mar passavam nesta onde havia a entrada fortificada para a cidade, registando tripulantes e mercadorias na alfândega e internando os seus doentes no hospital o reformulado Pátio da Alfândega, trabalhado em calçada tradicional, conjuga o passado e o presente, através de uma interpretação contemporânea das velas de uma embarcação, abertas para receber ventos amistosos.

Atravessando a esplanada que ocupa parte do Pátio da Alfândega, sigo pela Estrada Gaspar Côrte-Real, contornando a marina. Sobre a direita, ergue-se o arranjo contemporâneo do Jardim dos Côrte-Real, reconstruído no início do século XXI sob projecto de Miguel Cunha. Este espaço aproveitou a encosta que se ergue da Estrada Gaspar Côrte-real até à Rua da Rocha, retomando o conceito de jardim suspenso, dando ainda lugar a lojas, restaurantes e uma esplanada. Um painel de azulejo da autoria de Nuno da Câmara Pereira, artista contemporâneo, interpela o observador com a temática do mar e os desalentos de Fernando Pessoa.

Desço as escadas em direcção ao areal da Prainha, para descobrir a pequena maravilha de uma zona banear de qualidade integrada na paisagem classificada do centro histórico. As águas translúcidas que namoram a areia escondem uma outra história, muito mais antiga. Nesta praia existiu, durante séculos, o estaleiro naval que apoiava, entre outras, as embarcações vindas da Carreira das Índias. A caminho de Lisboa, Cadiz e Sevilha, os navios provenientes de Havana, Porto Rico, Cartagena, Goa ou Malaca tinham aqui um apoio imprescindível ao sucesso das suas viagens, reparando estruturas para uma passagem segura em direcção ao continente europeu.

À medida que vou avançando pelo areal, aproximo-me da zona pedonal de apoio à Marina, local de passeio com esplanada e restaurante. Subindo a escadaria dupla em direcção ao Pátio da Alfândega, surge, em frente, a Rua Direita.

Ligando directamente a alfândega à praça da Câmara e à Casa do Capitão do Donatário, a funcionalidade explícita desta Rua Direita apresenta uma série de elementos estéticos de grande harmonia. Integralmente conservadas, sucedem-se fachadas coloridas pontuadas por varandas de um ferro fundido com uma dedicação e talento quase religiosos. As casas ali-

The actual temple, framed by two city's streets, built over a previous one, is one of Angra's most modern churches. Erected in the 18th century its interior plan, with a single church's body, matches the ones of Lisbon's churches of the time. In its interior, woodcarvings, glazed tiles and a canvas portraying the Holy Ghost's descending over the Virgin Mary and the Apostles, embellish the central church's body. Face to face are two lateral secondary altars, one devoted to the Holy Ghost and the other to Mercy's Holy Christ.

The temple's consolidation and restoration works revealed the former church's foundations, from the 16th century, which can be visited in the path beneath the temple's floor, where the remains, of the people buried on the first church, can be seen.

Returning to Customs' square I get to experience a unique marina's vision through the Sea Gate's arches.

I'm standing in the very same place where, over more than three hundred years, tired and land firm longing men entered. Arriving from troubled journeys the sea captains passed through this fortified city's entrance, registering their crew members as well as their merchandise in the customs. The renewed Customs' square, with its traditional sidewalks, intertwines the past with the present through a contemporary work symbolizing vessel's sails, open to receive friendly winds.

Crossing the Customs' Square's street café of the I head for the Gaspar Côrte-Real's road, contouring Angra's marina. On the right side, the contemporary Jardim dos Côrte-Real's complex stands out; rebuilt at the beginning of the 21st century (Miguel Cunha's project), in order to take advantage of the existing slope from the Gaspar Côrte-Real's road to the Rocha's street, the new space resumes the suspended garden concept, saving the remaining space for shops, restaurants and café streets .

A tile panel signed by the contemporary artist Nuno da Câmara Pereira, proposes a sea thematic work, both pictorial and poetic - a Fernando Pessoa's poem - to the observer.

I go down the stairs heading to Prainha's beach (literally called small beach) a small, quality bathing resort, incorporated in the classified landscape of Angra's historical down town area. The limpid waters flirting with the sand conceals its ancient history: in this beach existed, for centuries, a naval shipyard that gave support, among others, to the coming Enterprise of the Indies' embarkations. In their way to Lisbon, Cadiz and Sevilha, the ships coming from Havana, Goa, Porto Rico, Cartagena or Malaca found here the indispensable support to their journeys' success, where their structures were repaired, thus ensuring a safe passage to the European continent.

Crossing the beach I approach the marina's pedestrian area, a recreational spot with a restaurant and a street café. Climbing the double stairs flight, again in Customs' Square, I

nhadas num testemunho da ligação exemplar da arquitectura colonial com as influências europeias justificam a classificação merecida como Património Mundial. Para além da já visitada Igreja da Misericórdia, esta bela série da fachada atesta uma certa prosperidade, de que Angra ainda gozou no século XIX.

Realce-se a casa com a fachada mais rica, a casa em que o Conde de Vila Flor, general das forças liberais, viveu na Terceira, antes de se lançar sobre o continente português em defesa dos direitos de D. Maria II à coroa de Portugal. Foi este o seu histórico habitante: António Manuel Severim de Noronha, 11º Capitão General dos Açores, 7º Conde de Vila Flor e, mais tarde, Duque da Terceira. Membro da regência instalada em Angra, foi General Comandante dos exércitos liberais, após haver chefiado as forças que repeliram, a 11 de Agosto de 1829, o desembarque miguelista na Praia, depois chamada “da Vitória”.

Confluindo com as ruas Direita e da Sé, a Praça Velha é um marco crucial na história e na vida de Angra do Heroísmo. Desenhada para permitir o encontro dos dois aruamentos principais da cidade, a amplitude da Praça Velha, concebida no final da Baixa Idade Média, contradiz os modelos urbanos medievais ao retomar o conceito da espaçosa praça central da antiguidade clássica. Tendo crescido com o tempo, consiste num dos primeiros exemplos da implementação dos modelos urbanos renascentistas em Portugal. O desenho geométrico da sua calçada, que percorre a praça, trabalhado pelas mãos habilidosas dos artesãos calceteiros de Angra, permite-me passear sobre uma manta regional de tear gigante, concebida por Mestre Maduro Dias, em 1930.

De frente para a Rua da Sé, entre a ladeira de S. Francisco e a rua do Galo, ficam os Paços do Concelho, de fachada imponente e sobranceira sobre a Praça Velha. Constituinto o edifício actual uma terceira versão das Casas da Câmara, múltiplas adaptações e melhorias foram impostas pelo crescimento da cidade, ao longo do tempo. A primeira estrutura, reduzida e com uma pequena praça que lhe fazia frente, fora erigida à dimensão do povoado quatrocentista. Todavia, a rápida transição de uma Angra do povoamento para uma Angra portuária, escala fundamental da emergente Carreira das Índias e Américas, iria ditar a remodelação daquela que era a sede das funções administrativas da cidade. Os Paços do Concelho de Angra representam, inquestionavelmente, um dos raros exemplos nacionais de um edifício camarário construído de raiz para a função que ocupa. As sucessivas mutações do edifício iriam culminar naquele que é o edifício actual, construído no século XIX com inspiração nos Paços do Concelho do Porto.

Ao entrar nos Paços do Concelho, percebo que o inestimável valor histórico do edifício não se encontra mu-

now head to Direita's street (Direct street).

Directly linking the customs to the City's Hall plaza and to the Capitão do Donatário's the explicit functionality of this street also presents a series of aesthetic elements of great beauty. Integrally preserved, a succession of colourful street-front façades display their iron forged balconies, made with dedication and a talent almost religious. The aligned houses, witnesses of a unique and exemplary connection of the colonial architecture with the European influences europeias, justify the deserved classification of World Heritage. Besides the Misericórdia's church, this beautiful series of street-front façades shows the considerable prosperity that Angra enjoyed up to the 19th century.

The house with the wealthiest street-front façade is worthy of an extol; here lived the earl of Vila Flor, the liberal forces' general, before marching to the Portuguese mainland, to defend the cause of D. Maria II to the Portuguese Crown. This was its historical resident: António Manuel Severim de Noronha, 11º Captain General of the Azores, 7º Earl of Vila Flor and, finally, Duke of Terceira's island. the Third one. Member of the Regency installed in Angra, he was the Commander in Chief of the liberal army.

Joining the Direita's and Sé's streets, the Praça Velha (Old Square) is a crucial landmark in Angra's life and history. Designed, in the latest Middle Age, to allow the meeting of the two main city's streets, Praça Velha denies, however, the medieval urban models by resuming the spacious central plaza classic concept. Having grown with time, consists in one of the first implementation examples of the urban renascent models in Portugal.

The geometrical drawing of this all stone-paved plaza, worked by the skilful hands of Angra's pavers' artisans, allows me to stroll over an Azorean weaver's loom gigantic blankets, conceived by Master Maduro Dias in 1930.

Facing Sé's street, between S. Francisco's slope and Galo's street, stands the Council Palace, with its imposing and haughtily façade over Praça Velha. This building is Angra's third version of the City Hall, and has suffered multiple alterations and improvements, along the way, imposed by the city's growth. The first structure restricted, with a small plaza in front of, it had been erected bearing in mind the settlement's dimension in the 15th century. However, Angra's settlement's quick transition into a city's harbour, fundamental scale of the Enterprise of the Indies, would dictate the remodelling of the city's administrative headquarters. Angra's Council Palace represents, beyond a doubt, one of the rare national examples of a City's Hall building built on purpose for its functions. Its successive alterations would culminate in the present building, built in the 19th century and inspired on the Oporto's City Hall.

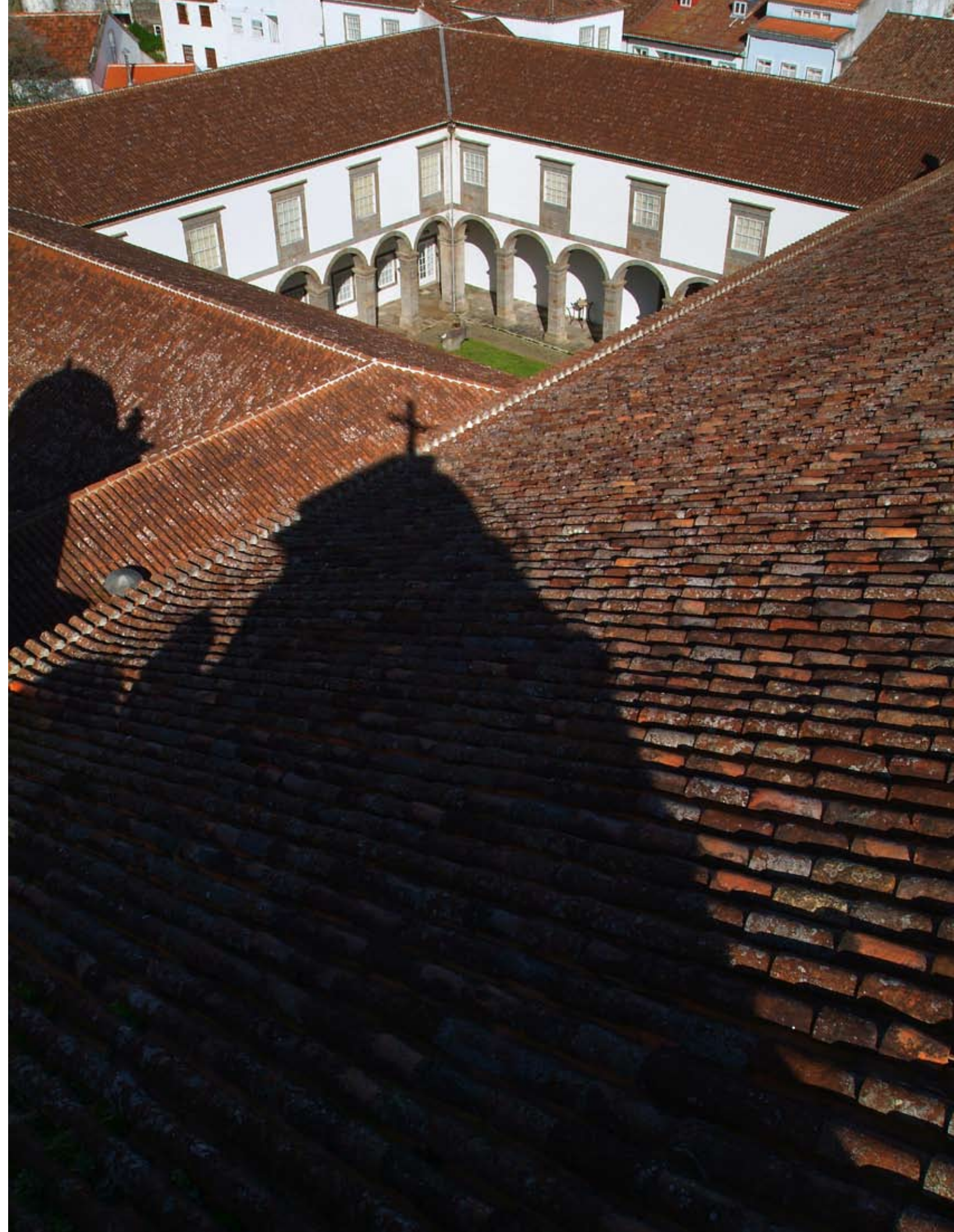




??? ~ ???

A viagem pelo Museu marca uma autêntica partida para o desconhecido forçada pela evolução dos tempos... O elogio à definição do “ser ilhéu”, através do conhecimento das aventuras e desventuras deste povo, faz rever estas gentes através de um novo prisma – o do contraste entre o orgulho e a nostalgia. Será, porventura, este mar imenso que os rodeia, aproximando-os uns dos outros e afastando-os do exterior, ao mesmo tempo que aumenta a dor implícita em cada despedida... Na Igreja de S. Francisco ou de Nossa Senhora da Guia, composta por três naves, separadas por duas ordens de arcos neoclássicos. Jazem sepultados nesta igreja Paulo da Gama e o Capitão Vaz Côrte-Real, eternamente recordados

The Museum's visit moves especially because of its portrait of the authentic quest of the Azorean emigration, facing the unknown, in search for a better life, forced by times' evolution... The praise to the definition of "being an islander", the knowledge of this people's adventures and misfortunes, forces to look at them with new eyes – now can see in them the contrast between pride and nostalgia. This immense sea that surrounds them is probably the biggest reason that brings them together, keeping them away from the outside world, and increasing their pain in each farewell ... In the S. Francisco's church, also known as Nossa Senhora da Guia's church, it has three church' bodies, separate



??? ~ ???

??? ~ ??? >

seificado – pelo contrário, a preservação respeitosa dos bens e estruturas conjuga-se harmoniosamente com a utilização plena daquele espaço. De facto, funcionários e utentes percorrem os corredores e ocupam os gabinetes do mesmo modo que os seus antepassados terão feito, durante séculos. A Câmara Municipal de Angra do Heroísmo é um organismo vivo, em constante crescimento, que avança para o futuro sem esquecer o passado. É, por isso, de esperar toda a simbologia que pontua os corredores e paredes destes Paços, eivados de recordações e memórias. Logo na entrada, o brasão pertencente ao antigo mercado municipal comprova a mestria dos artesãos angrenses no trabalho em pedra de cantaria. Ao cimo da escadaria, deparo com um magnífico vitral triplo que ostenta a bandeira portuguesa, as insígnias da cidade e o primeiro emblema da Terceira – a Cruz de Cristo. Enquadrado pela claridade colorida que atravessa os vitrais, o busto do Infante D. Henrique, da autoria de Numídico Bessone, recorda o pioneirismo do grande impulsionador dos Descobrimientos Portugueses. No topo da escadaria e de frente para os vitrais, encontro um átrio superior antecessório da Sala das

Entering the Town Hall, I realize that the building's inestimable historical value isn't treated in a museum like way—on the contrary, the building's property and its structures' respectful preservation conjugates-itself harmoniously with the full utilization of that space. In fact, staff members as well as users go through its corridors and occupy its cabinets, has their ancestors did, during centuries. Angra do Heroísmo's City Hall is a dynamic agency, in constant growth, heading for the future without forgetting the past. Therefore all the symbolic items, full of memories and recollections that one can find in its corridors and walls, constitutes no surprise. In the foyer, the coat of arms belonging to the old municipal market verifies the squared stone's work expertise of Angra's artisans. At the top of the stairs' flight, there's a magnificent triple stained glass window that boasts the Portuguese flag, the city's insignia and the first Terceira's island's emblem— the Cross of Christ. Framed by the colourful clarity from the stained-glass windows, the bust of the Infant D. Henrique, made by Numídico Bessone, recollects him as the pioneer and great impeller of the Portuguese Discoverers. Opposite from

Sessões, do qual ressaltam as peças de mobiliário e decoração. É, ainda, digna de referência a sequência de brasões sobre vitral de todas as cidades geminadas com Angra do Heroísmo, que abrangem municípios dos Estados Unidos da América, do Brasil, de Cabo Verde e de Portugal Continental.

Sigo para o Salão Nobre dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo, um dos maiores e mais dignos do País. Ao visitante distraído, a dimensão do salão poderá parecer despropositada, se esse visitante limitar as suas ilações ao espaço geográfico de uma ilha perdida no oceano. Contudo, à perspicácia do visitante atento não escapam os factores históricos e culturais que sobejamente justificam a opulência deste insular Salão Nobre. Ao longo das paredes, retratos de diversos monarcas, Presidentes de Câmara e membros das famílias reais de Portugal enaltecem o espaço, recordando a passagem de ilustres figuras pelos Paços do Concelho. Destacam-se, evidentemente, os monarcas cujo favor foi conquistado pela cidade. O excelente busto de D. Pedro IV de Portugal, Imperador do Brasil, é reconhecidamente a melhor figuração existente do lutador liberal, cuja passagem por An-

the stained-glass windows, is an upper atrium, which leads to the Sessions' Room, with standing out furniture pieces and decoration. Still, worthy of reference is the collection display of all Angra's sister-cities' coats of arms in stained- glass window – from the United States of America, Brazil, Cabo Verde and the Portuguese mainland.

I now head for the Noble Hall, one of the greatest and more worthy of the country. To the absent minded visitor, the magnificence and dimension of this Noble Hall might appear absurd, especially if that visitor only bears in mind the geographical space of this island lost in the ocean. To the aware visitor's insight, however, the cultural and historical factors that justify its opulence don't get unnoticed. Along the walls, portraits of diverse monarchs, Mayors and members of the royal Portuguese families, exalt the space, recollecting the illustre figures' visit. Of those the prominence is evidently given to the monarchs who favoured the city.

The excellent bust of D. Pedro IV of Portugal, Emperor of Brazil, is recognized as the best existing figuration of the liberal fighter, whose visit to Angra allowed the Mindelo's arrival's groundwork and the consequent victory over D. Miguel. The





Igreja da Conceição ~ ???

??? ~ ??? >



gra permitiu a preparação para o desembarque no Mindelo e consequente vitória sobre D. Miguel. O quadro principal, destacado ao centro dos restantes e sobre a mesa de honra, é o de D. Maria II, filha de D. Pedro IV, da autoria de William Foller – o pintor responsável pelos retratos da própria Rainha Vitória. Estão ainda expostos diferentes símbolos ligados à Câmara propriamente dita, entre as quais as chaves da Cidade e as varas dos vereadores. Relevo ainda a Carta Régia que concede a Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito a Angra do Heroísmo, esta mais uma honraria atribuída a casos excepcionais de dignidade e valor nacional.

Deixo os Paços do Concelho e atravesso a Praça Velha, virando à direita para visitar o jardim Duque da Terceira. Um espaço, em pleno centro da cidade, que é um retiro para passeio dos visitantes. Do antigo convento dos Franciscanos, que observa o jardim do topo do lado leste, aproveitou-se a antiga cerca para criação de um passeio público, estrutura de grande popularidade nas cidades do fim do século XIX. No caso de Angra o jardim foi criado em 1882, por deliberação da Câmara Municipal. Dividido em áreas distintas, começo por percorrer o chamado “jardim de baixo”. Baseado no desenho geometrizado ao estilo francês, percorro um jardim fresco e animado, pleno de espécies botânicas nórdicas e exóticas em alegre convivência. Debruço-me sobre o fontanário enquanto observo o simpático coreto onde, durante o verão, concertos animam as noites do Jardim. Entre araucárias e dragoeiros, vislumbro uma glorieta à memória de Almeida Garrett, que homenageia sobre o bronze e a pedra a incontornável figura que passou, na Terceira, parte da sua juventude. Subindo alguns degraus, passo por um quiosque, fronteiro à Casa de Chá, para continuar até a um patamar intermédio onde observo os quatro painéis datados de azulejos de 1740, dedicados à parábola do “Filho Pródigo”. Subindo novamente, encontro, ao fundo, o busto em mármore de 1949 do Dr. Manuel António Lino, médico, floricultor e dramaturgo terceirense. Antes de terminar a minha visita ao jardim, subo em direcção ao “Tanque do Preto”, que era, originariamente, o departamento de água de rega da cerca dos Franciscanos. Tendo já visitado a Memória, registo somente a Passagem Silva Sarmiento, que liga o Jardim ao referido monumento, num conceito romântico de bosque inglês.

Saindo pelos portões principais do Jardim, viro à direita, na Rua do Marquês – assim chamada devido ao Marquês de Castelo Rodrigo, braço direito de Filipe II, Vice-Rei de Portugal por duas vezes, que casou com a herdeira dos Côrte-Reais, dona da casa - para subir em direcção à Casa do Capitão do Donatário. No extremo oposto ao Pátio da Alfândega, ali-

noticeable main portrait in the room’s limelight, over the honour’s table, made by William Foller - the painter responsible for Queen Victory’s portraits- belongs to D. Maria II, daughter of D. Pedro IV. Among other symbols related to Angra’s City Hall, are also displayed the Keys of the City and the Councilmen’s sticks (?). Worthy of distinction is also the Regal Letter that grants the Ordem da Torre e Espada (the Tower and Sword’s Order) to Angra do Heroísmo’s Value, Loyalty and Merit, an honour attributed only to exceptional cases of dignity and national value. The Order’s Necklace is also displayed in the Hall.

Leaving the City Hall, across Praça Velha, I make a turn right towards Duke of Terceira’s Garden. A green space, in the centre of the city, is a true withdrawal for visitors to stroll. From the former Franciscan’s Convent, over the garden’s west side, stands its old fence transformed into a public walk, a city’s structure of big popularity in the 19th century. Therefore Angra’s City Hall deliberated, at the time, the creation of the referred leisure and walk’s space, which happened in 1882. As it is divided in distinct areas, I begin to visit the so called lower garden. This is a fresh and cheerful garden full of Nordic and exotic botanic species, with a geometrical drawing based upon the French style. I bend over the fountain, while I observe the pleasant bandstand where, in summer time, music concerts enliven the garden’s evenings.

Among araucarias and dragon-trees I spot a headstone in memory of Almeida Garrett, a bronze and stone tribute to the unavoidable figure that lived in Terceira during a part of his youth. Going up some steps, I pass by an elegant newsstand, bordering the Tea’s House, and keep on up to an intermediate landing where I observe four tile panels from 1740, dedicated to the Lavish Son’s parable (Prodigal Son?). Continuing my way up I find at the background a 1949 marble bust dedicated to Dr. Manuel António Lino, a physician, floriculturist and playwright from Terceira. Before finishing my visit to the garden, I go up towards the “Tank of the Black one”, that used to be the Franciscan’s fence’s water supply.

The path, known as Silva Sarmiento’s Passage, leads to Memória’s hill, in an English forest’s romantic concept. Since I’ve already been there, I leave the garden throughout its main gates, making a turn left into Marquês’ street (Marquis’ street) towards the Capitão do Donatário’s house.

In the opposite extreme of the Customs’ Square, aligned with Praça Velha and under the protective competence of the former Mills’ castle, the Capitão do Donatário’s house was built here for strategic reasons. Still conserving its original structures, this house was built by João Vaz Côrte-Real’s order, approximately in 1474, having also been used by the next







??? ~ ???

Em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, ergue-se o elegante Palacete Silveira e Paulo. Restaurado ao gosto "fim de século", o edifício erigido por ordem do Comendador Silveira e Paulo ergue-se no local do antigo solar dos Noronhas. Actualmente, estão aqui instalados os serviços da Direcção Regional de Cultura da Região Autónoma dos Açores. No interior, destacam-se os florões dos tectos, a par das sancas e paredes de ambos os andares superiores. Ao cimo de uma escada em caracol, existe um fantástico mirante sobre o centro histórico, do qual se pode aproveitar uma vista privilegiada sobre a cidade e o porto.

Opposite to the Mariano sanctuary, stands the elegant Silveira e Paulo's mansion. Restored accordingly in the fin du siècle taste, the mansion was built by the Commendator Silveira and Paulo's command, in the former location of Noronhas' manor-house, and its now-a-days the head office of the Azorean government's culture department. Inside, the roof fleurons catch the eye, as well as the ogees and walls of the two upper floors. Climbing the spiral staircase, a fantastic lookout over the historical downtown is mandatory, offering a privileged view over the city and the harbour.



??? ~ ???



??? ~ ???

??? ~ ???



nhado com a Praça Velha e sob a alçada protectora do antigo castelo dos Moinhos, a moradia foi aqui colocada por razões estratégicas. Conservando ainda estruturas pertencentes ao edifício original, a Casa do Capitão do Donatário foi mandada construir por João Vaz Côrte-real à volta de 1474, tendo sido utilizada para esse fim pelos Capitães que se lhe seguiram.

Descendo agora a Rua do Marquês, ao fundo, surge, à minha esquerda, a imponente face oeste da Igreja do Colégio, cujos alicerces tiveram que descer a enorme profundidade, pela qualidade do terreno, onde a construção Jesuíta veio por termo ao pântano que, então, ali existia. Com a sua fachada principal no alto de uma escadaria ondulada, a igreja do Colégio é parte integrante do impressionante conjunto que a Companhia de Jesus mandou construir para albergar os seus padres e a escola que ali mantiveram. Anexa ao palácio dos Capitães-Generais de que complementa o conjunto arquitectónico, a igreja do Colégio, inspirada na igreja Jesuíta em Roma, data do século XVII, como o conjunto em que se integra. É única dos Açores que tem dourado directamente sobre a pedra. De destacar ainda o conjunto de telas de temática religiosa que adornam as paredes, a par da resplandecente talha dourada que embeleza os altares. Num recanto da sacristia pode ver-se um conjunto de azulejos holandeses.

Contornando o edifício pela esquerda, entro naquele que foi, primeiramente, o local das casas da família Távora, convertido em Colégio dos Jesuítas até à publicação do decreto pombalino que haveria de ditar a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal. A criação, em 1766, do cargo de Capitão-General dos Açores abriria, então, o edifício para uma nova utilidade. Por sugestão do 1º Capitão General, D. Antão de Almada, começam as adaptações e melhorias que dariam lugar ao actual Palácio dos Capitães-Generais. Foi neste edifício que se alojaram D. Pedro IV, em 1832, e D. Carlos I, em 1901, atribuindo ao Palácio o estatuto de Paço Real durante esses períodos. Parcialmente museificado, o Palácio contém, hoje, exemplares únicos de mobiliário, estatuária, pintura e objectos decorativos dos séculos XVII e XVIII. Deve assinalar-se a excelente qualidade da recuperação de que este edifício foi objecto na sequência do sismo de 1980.

Voltando ao exterior dirijo-me à zona pedonal da Rua da Esperança na qual se distingue a fachada do Teatro Angrense. Foi reconstruído no século XX, sobre um pequeno auditório desajustado às necessidades culturais da população que tinha sido edificado no final do século XIX. O Teatro Angrense constitui uma das mais belas salas de espectáculos do arquipélago, com elementos decorativos ao gosto art-nouveau. Espectáculos teatrais e de canto lírico preenchiam os serões da sociedade angrense de então, desejosa de contacto

Captains. This house is located at the Marquês's street (Marquis' street), named after the Castelo Rodrigo's Marquis, Cristóvão de Moura, and afterwards Cristóvão de Moura Corte-Real, when he got married with the lady of the house, the Corte-Reais' heiress and therefore Angra's Captain as well as S. Jorge island's captain; Cristóvão de Moura was the right-hand man of D. Filipe II, in his claim for the Portuguese crown, and afterwards twice Vice-King of Portugal.

At the bottom of the street, on my left, stands out the imposing College's Church west façade. These church's foundations had to descend to a huge dept because of the ground's quality; in fact it was the Jesuitical construction that put an end to the former swamp located there. With its street-front façade on the top of a waving staircase, the Jesuitical College's church is an integral part of the impressive hole constructed by the Company of Jesus' command to house their priests and their school. Attached to the Captains-Generals' Palace the College's Church is a complement of the joint architectural hole, built on the 17th century. Inspired in the Jesuitical Rome's church, it's the only Azorean church with golden directly applied over stone. Worthy to point out are the church's thematic religious canvas that adorn the walls and the altars' resplendent golden carving. In a recess of the vestry one can appreciate Dutch tiles.

Contouring the temple on its left side, I enter in the building that was the home of the Távora's family to begin with, afterwards converted in the Jesuits' College up to the pombalino's decree publication that would dictate the expulsion of the Jesus' Company from Portugal.

The creation, in 1766, of the Captain-General of the Azores post would bring a different utility for the building. By D. Antão de Almada's suggestion, the island's first Captain General, the building was adapted and improved given place the present Captains-Generals' Palace. D. Pedro IV was lodged here in 1832 as well as D. Carlos I, in 1901, thus granting the Palace the statute of Royal Palace during those periods. Partially turned into a museum, the Palace now contains unique furniture type, statuary, paintings and decorative objects from the 17th and 18th centuries. Worthy to point out is its remarkable reconstruction made after the 1980's earthquake.

Back in the street I now head for the pedestrian area in Esperança's street, where the façade of Teatro Angrense (Angra's Theatre) stands out. This theatre was reconstructed in the 20th century, over a small audience built on the end of the 19th century, mismatched to the population's cultural needs. The theatre has one of the most beautiful auditoriums of the archipelago, with decorative art-nouveau elements. Theatrical and lyrical shows filled the evenings of Angra's society, eager for external contact provided by the talent of the prestigious artists who performed in

com o exterior através do talento dos artistas prestigiados que passavam pelo palco deste Teatro Angrense.

Saio do Teatro Angrense em direcção à Rua da Sé. O antigo convento da Esperança localizava-se no edificio que faz esquina com a Rua da Sé, do lado direito. Dos nove conventos que chegaram a existir na cidade, o convento da Esperança era das freiras clarissas, a par do de S. Gonçalo. Fundado na segunda metade do século XVI, o convento havia de ser dividido internamente para venda a proprietários particulares, durante o século XIX. O sismo de 1980 viria a permitir a descoberta de algumas ruínas da antiga igreja, cuja integração no edificio actual é um bom exemplo de um aproveitamento funcional de elementos pré-existentes, tais como as aberturas do coro e o arco da capela-mor.

Atravesso a Rua da Sé e subo a grande escadaria de pedra. A igreja da Sé, em frente, domina majestosamente o adro, no qual se ergue uma estátua comemorativa da passagem do Papa João Paulo II por Angra do Heroísmo. As altas torres sineiras não deixam transparecer a ruína imposta pelo terrível sismo de 1 de Janeiro de 1980. Entretanto recuperada, a Igreja do Santíssimo Salvador da Sé não foi sujeita somente a essa provação. A causa liberal, com custos onerosos inevitáveis à preparação de todo um exército, custou à Sé os seus enormes sinos, sacrificados em conjunto com muitos outros bens para custear a vitória de D. Pedro IV. Sobre a cripta da igreja de S. Salvador, edificada a mando de Álvaro Martins Homem no século XV, veio a levantar-se um templo que fosse digno de representar a Sede de Bispado, atribuída em conjunto com a elevação a cidade em 1534. Iniciada a obra por ordem do Cardeal D. Henrique, em 1570, a Sé só viria a ser terminada sob o domínio filipino.

Alcançando agora a Rua da Carreira dos Cavalos, assim chamada pelas corridas equestres que aqui se faziam, deparo, na esquina com a Rua da Rosa e imediatamente por trás da igreja da Sé, com a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo. Instalada no Palácio Bettencourt, a Biblioteca possui um arquivo importante, com um manancial de informação que remonta a vários séculos de história da cidade e das ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge, o antigo distrito de Angra do Heroísmo. No que diz respeito ao Palácio Bettencourt, este pertencia a uma das mais poderosas famílias de Angra no século XVII. É um dos mais bonitos edificios de Angra, tendo sido restaurado, com ampliação, a meados do século XX.

Virando à esquerda, na continuidade da Rua da Carreira dos Cavalos, encontra-se o edificio sede da Secretaria Regional da Educação e Ciência, o edificio que substituiu o que outrora fora doado por D. João III para Paço Episcopal.

the theatre's stage.

Leaving the Theater I'm now heading to Sé's street. The former Esperança's convent was located in the building that does corner, on the right side, with the Sé's street. Of the nine convents that once existed in the city, the Esperança's convent was the Clarissa's nun's headquarters, along with S. Gonçalo's convent. Established in the second half of the 16th century, the convent was internally divided in order to its subsequent sale to private holders, during the 19th century. The 1980's earthquake allowed the discovery of its old church's ruins, whose posterior integration in the present building is a good example of a functional utilization of pre-existent elements, such as the chorus' openings and the main chapel's arch.

I cross the street and climb the big stone staircase. Sé's church, stands before me, majestically dominating the atrium, in which a commemorative statue of the Pope João Paulo II stands recollecting his visit to Angra do Heroísmo. The high bell towers don't give any clue over the church's former ruin imposed by the terrible earthquake on the 1st January 1980. Since then rebuilt, the church of Sé's Holy Saviour, was subject to further trials. The liberal cause's huge costs due to the army's full preparation, lead to the Sé's bells sacrifice along with many others possessions, in order to finance the victory of D. Pedro IV. This church was built over the crypt of S. Salvador's church, in the 15th century, by Álvaro Martins Homem's command, therefore raising a worthy temple of Angra's Headquarters of Bishopric, certified along with Angra's upgrade to city in 1534. The temple's set off work began in 1570 by the Cardinal D. Henrique's command, but it was only finished under Spanish domain.

Leaving the church I'm getting now to Carreira dos Cavalos' street (Horses' run street), named like because of the horse-races that once took place in here and I immediately notice ahead of me, behind Sé's church, and in the corner of Carreira dos Cavalos' street with Rosa's street, Angra's Regional Public Library and Archive. Installed in the Bettencourt's Palace, Angra's Library possesses an important record-file with crucial data concerning not only the island's and the city's history, but also the one of the archipelago's central group's islands of S. Jorge e Graciosa (the three islands formed the former Angra do Heroísmo's district), back to several centuries ago.

This former Palace belonged to one of Angra's most powerful families in the 17th century, the Bettencourt's family. Restored and amplified in the middle of the 20th century is one of Angra's most beautiful buildings.

Turning left back to Carreira dos Cavalos' street one can see another imposing building, this one is, now-a-days, the Regional Government's Education and Science Department's headquarters. It was once donated by D. João III to the Regional



??? ~ ???

Percorro a Carreira dos Cavalos até à Rua da Sé. Virando à esquerda, subo a Rua da Sé até ao Alto das Covas. Cruzo-me com inúmeros pessoas que fazem compras e observam montras, marcando o ritmo da cidade. Este local tem o nome de Alto das Covas por aí terem existido diversos depósitos subterrâneos de cereais, feitos por a qualidade do terreno, formado de escórias vulcânicas, assim o permitir. É uma zona pedonal simpática onde os angrenses, sentados nos bancos, conversam animadamente. Passando a Escola, viro à direita e subo até ao semáforo, virando à esquerda, pela Rua da Boavista. Em frente ao Centro Cultural e de Congressos, atravesso os portões de ferro, passando pelo guarda. Sobranceiro à cidade, destaca-se o Solar da Madre de Deus, onde está instalado o Gabinete do Representante da República para a Região Autónoma dos Açores, o que implicou uma alteração na estrutura interna do edifício e é responsável também pelo seu excelente estado de conservação.

De fachada imponente, o solar da Madre de Deus foi erigido no séc. XVI, pertença da família Bettencourt. Era um solar, cuja parte da frente ficava sobranceira à cidade,

Catholic Church, therefore becoming the former Bishop's Palace. It was also the General Board's Palace, once it became a State's belonging.

Continuing to walk across Carreira dos Cavalos' street up to Sé's street, I make a left up towards Alto das Covas' square, passing by many people looking at store's windows and shopping, contributing for the city's rhythm. This hill's name - Alto das Covas (Cavities' Hill) - is due to its former utilization by Angra's inhabitants, who had there their subterranean cereals' deposits, because of the quality of the ground, very dry for it was formed of volcanic dross. Passing in front of the public school, I make a turn right, going up the street up to the signal, and then turning left to Boavista's street. In front of Angra's Cultural and Congresses' Centre there's a double iron's gate that lead to Madre de Deus' manor-house, which stands out in front of me. The Madre de Deus' manor is, at the present time, the Portuguese Republic's Delegate for the self-governing Azorean Region's cabinet, which implied an alteration of its interior structure and explains it's excellent well-preserved condition.

With an imposing façade, the Madre de Deus' manor

com um corpo de terras muito rico, que ia até onde está actualmente a rotunda. O local ocupado era, na época da construção do solar, já nos arrabaldes da cidade, segundo a lógica urbanística de então comum às cidades assentes numa economia agrária. Integrada no solar, subsiste a ermida devotada à Madre de Deus.

Voltando ao Alto das Covas, atravesso no princípio da Rua da Sé, para entrar para a Rua Recreio dos Artistas, em cuja intersecção com a Rua da Rosa se encontra o convento de S. Gonçalo, que lhe faz esquina da Rua Recreio dos Artistas, é o edifício que faz esquina, do lado direito. Contorno as paredes da Igreja pela Rua da Rosa e entro pelos portões de ferro do actual Recolhimento de S. Gonçalo.

Dos nove conventos que existiram no Centro de Angra, o de S. Gonçalo, das freiras clarissas, foi o erigido em 1545. Ocupando um quarteirão era o maior complexo conventual da cidade e um dos maiores dos Açores, sendo surpreendente o contraste entre a austeridade das fachadas e a riqueza da igreja no seu interior. Os dois claustros formam um conjunto harmonioso no qual as freiras clarissas viveram durante séculos. As pinturas do tecto são acompanhadas por telas emolduradas a talha dourada, com continuação nos painéis de azulejos de grande valor histórico. O grande crucifixo de prata proveniente da América do Sul, datado do século XVII, com o Cristo Divino Imperador, no altar-mor, domina todo o templo. O coro, separado do templo por uma grade oval rodeada por talha dourada, tem um órgão de tubos do século XVII e um belo cadeiral de temática figurativa. Todavia, já fora do templo, visito o gradeamento pelo qual as freiras podiam ver as suas visitas, suscitando ecos de uma época galante de que ficou referência nas memórias do Conde de Ségur.

Saio do convento de S. Gonçalo e continuo pela direita, virando depois à esquerda no cruzamento da rua da Rosa com a rua da Boa Nova. Sigo até à intersecção desta última com a Rua da Oliveira. Do lado direito, fica o antigo Hospital da Boa Nova. Neste local, aproveitando a presença anterior da Ermida da Boa Nova, mandou Filipe II de Espanha, I de Portugal que se construísse um hospital de apoio aos militares que prestavam serviço no Castelo de S. Filipe do Monte Brasil. Datado de 1615, o antigo Hospital militar, permanece sob a tutela das entidades militares ainda hoje sedeadas na fortaleza.

Contornando o Hospital da Boa Nova, sigo pela Rua da Boa Nova até ao Largo, e paro junto a um bebedouro de gado conhecido por Tanque do Azeite. Um nome estranho, que só se explica por ali se ter armazenado o óleo (azeite) de baleia que entrava na composição da argamassa usada na construção das muralhas do enorme castelo filipino.

was erected in the 16th century, and belonged to the Bettencourt's family. The manor's street front façade stood on the brink of the city and had a rich land's aggregate up to where now stands the rotunda. It was therefore built in the once Angra's suburbs area, according with the cities' urban logic of the time, based upon an agrarian economy. Integrated in the manor's property is a still subsisting chapel devoted to the Mother of God (the manor's name).

Back in Alto das Covas' hill and crossing to Recreio dos Artistas' street I'm now heading to S. Gonçalo's convent, in the corner of the intersection between this street and Rosa's street, where I enter its iron gates.

One of the Angra's nine existing convents in the past, S. Gonçalo's, of the Clarissa's nuns, was built in 1545. Occupying a full block it is the city's biggest conventual compound and one of the Azores' biggest, showing a surprisingly contrast between the façades' austerity with the splendour of the church's interior. The two cloisters form a harmonious assembly in which the Clarissa's nuns lived for centuries. In the interior the church's ceiling paintings are escorted by golden carving framed canvas, also seen in the tiles' panels, with great historical value. The big silver's crucifix, from the 17th century, came from South America; placed in the high altar, showing Christ Divine Emperor, dominates the whole temple. The choir, separated from the temple by a golden carving oval grille has an organ-pipe from the 17th century and a beautiful figurative thematic chairs' row. Outside the temple, I visit the railing where the nuns could see their visits, rousing echoes of a gallant era, referred to in the memories of Count Ségur.

Leaving the convent I continue to walk on the right side, turning left afterwards in the crossroad between Rosa's and Boa Nova's streets. I keep walking up to the intersection of Boa Nova's street with Oliveira's streets. On the right side stands the former Boa Nova's Hospital. In this place, taking advantage of the previous Boa Nova's chapel, Filipe II of Spain, I of Portugal, ordered the the hospital's construction to support the soldiers stationed in S. Filipe's castle on Monte Brasil. The former military hospital, built in 1615, still remains under the guardianship of the fortress' military entities.

Contouring the hospital and following along Boa Nova's I reach a small square and I stop there, before entering in Monte Brasil's peninsula, to admire a cattle's drinking fountain known as Olive oil's Tank. A strange name, that only can be explained with the fact that that tank used to be a whale's oil reservoir (in Portuguese known by the same word applied to olive oil), one of the plaster's compound used in the fortress' walls' construction.





??? ~ ???

Criado com o intuito de albergar o Provedor das Armadas, o solar de Nossa Senhora dos Remédios foi construído a mando de Pero Annes do Canto e fica localizado no alto da colina do Corpo Santo, bairro de gentes ligadas ao mar e com fácil e rápido acesso ao porto. A importância e o poder do Provedor cresciam com o exponente tráfego da Carreira das Índias, resultando em alterações e ampliações do edifício. Sobre o portão principal, está patente o brasão da família Canto e Castro, poderosa família de Provedores das Armadas. O edifício foi alvo de intervenções de restauro sendo, hoje, sede de organismos do Governo Regional dos Açores.

The Nossa Senhora dos Remédios' manor-house was built by the first Provedor das Armadas, Pero Annes do Canto. It is located on top of Corpo Santo's hill, a neighbourhood of maritime people, with a quick and easy access to the harbour. The power of the Provedor das Armadas grew with the Enterprise of the Indies' traffic imposing modifications and enlargements in his manor-house. The Canto e Castro family's coat of arms, the powerful family of the Provedores das Armadas, stands on top of the main gate's building. Today, this building houses the health and social affairs departments of the Azorean Government.



??? ~ ???



??? ~ ???





Do topo da encosta do Cantagalo, o moderno monumento “Altar-Nave Em Louvor De...”, da autoria de António Dacosta eleva-se para o céu azul, numa prece intensa com laivos de misticismo. A paisagem surge enquadrada entre o sagrado e o mítico, marcada pelo oceano imenso que cerca a ilha. Neste local foi erigido um dos primeiros templos apaziguadores da ira oceânica. Entre os séculos XVI e XX, a ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem (também chamada do Corpo Santo ou de S. Pedro Gonçalves) recebeu, aqui, a devoção profunda da população de marítimos habitantes do bairro do Corpo Santo – um dos primeiros bairros da cidade.

On top of Cantagalo's hill, António Dacosta's modern monument raises itself towards the blue sky, as if in an intense prayer. The landscape is framed between the sacred and the mythic, surrounded by the overwhelming Atlantic Ocean. The choice of this spot for the birthplace of one of the island's first ocean pacifying temples is understandable. Between the 16th and the 20th centuries, Our Lady of the Good Journey's chapel, as it was called, was object of the maritime inhabitants' deep devotion - the Corpo Santo's neighbourhood, one of the city's first quarters.





Ligando o Alto do Corpo Santo à Alfândega, a Rua do Faleiro rodeia-se do casario de trabalhadores portuários, dançando através de linhas sinuosas e íngremes típicas do urbanismo medieval. A Rua do Faleiro foi baptizada com o nome do procurador que representava o Marquês de Castelo Rodrigo (Vice-Rei de Portugal) em Angra. Concretizando um acesso rápido entre a casa do Provedor, o Hospital e a entrada principal do Porto, a Rua do Faleiro termina em confluência com a Rua de Santo Espírito – um dos arruamentos paralelos à ribeira domada e convertida em leva-da de água por Álvaro Martins Homem.

Connecting Corpo Santo hilltop to the Customs, Faleiro Street is framed by the harbour workers' picturesque houses, descending along a curvy, steep circuit, according to a medieval urban logic. Faleiro Street was baptized after the Castelo Rodrigo Marquis' representative in Angra (Portugal's Vice-Roy). Accomplishing an effective connection between the Provedor's house, the Hospital and the main entrance of the harbour, Faleiro Street ends into Espírito Santo Street.













??? ~ ???



??? ~ ???



< ??? ~ ???

??? ~ ???





??? ~ ???



??? ~ ???



??? ~ ???



??? ~ ??? >





A Sé, em estilo maneirista, tem a capela-mor voltada a Sul, e não a Nascente, ao contrário dos costumes da época. Conservando os painéis da vida de Cristo da primitiva igreja de S. Salvador, nela está sepultado o 1º Provedor das Armadas, Pero Annes do Canto.

The mannerist style church has its chancel facing South instead of East, contrarily to the epoch's traditions. Preserving the former S. Salvador church's panels portraying Christ's life, the Sé is also the burial grounds of Angra's first Provedor das Armadas, Pero Annes do Canto.

Na parte sul do edifício, o Museu de Arte Sacra exibe estatutuária de diferentes épocas, mobiliário secular em madeiras exóticas e peças inestimáveis de ourivesaria de culto. Um atril, feito nos Açores, utiliza madeira brasileira (jacarandá) e marfim de baleia, num inconfundível traço indo-português, exemplificando a confluência cultural que existia em Angra no século XVII.

On Sé's south street front, the Religious Art Museum displays statuary from different epochs, secular exotic woods' furniture and precious worship jewellery pieces. A lectern made of whale's ivory and Brazilian wood (jacaranda), manufactured in the Azores with an unmistakable Indo-Portuguese touch, testifies 18th century Angra's cultural confluence.







??? ~ ???



??? ~ ???



??? ~ ???



??? ~ ??? >



Castelo de S. João Baptista ~ S. João Baptista castle

monte brasil

monte brasil

Rodeado de escarpas que mergulham a pique na profundidade das águas, o Monte Brasil domina a paisagem marítima de Angra. Nascido da sobreposição de três erupções vulcânicas próximas da costa, o Monte Brasil eleva-se das águas para dar a mão à terra. A sua única vertente ligada à ilha está separada desta por uma fortificação de grandeza incontornável – a fortaleza de S. João Baptista.

Toda a área constituinte do braço de terra que une o Monte Brasil a Angra foi, em tempos, completamente desprovida de vegetação – de forma a criar uma linha de fogo ampla sem obstáculos visuais.

Estende-se hoje aos pés da fortaleza, pelo lado Este, um enorme Parque Municipal de lazer e desporto – o Relvão. Aqui, tenho tempo para passear e descansar, com os risos das crianças que desfrutam dos equipamentos lúdicos deste

Surrounded by abrupt escarpments converging deep into the sea, Monte Brasil dominates Angra’s maritime landscape. Born from three volcanic eruptions near the coast, Monte Brasil raises itself from the waters to embrace the land. The hill’s sole connection to the island is guarded by a fortress of unavoidable grandeur – the S. João Baptista’s Fortress.

The land bridge that unites Monte Brasil to Angra was once stripped of all vegetation, therefore permitting a broad firing line without visual obstacles.

At the fortress’ feet, on its East side, there is, now-a-days, a Municipal recreational area, with a playground and a great space for physical activities, called Relvão. Here, I take my time to stroll and rest, hearing the children’s laughter while they enjoy the playful equipment.

While I’m approaching S. João Baptista’s main entrance



Monte Brasil – Pico do Zimbreiro ~ Monte Brasil – Zimbreiro Peak



espaço como música de fundo.

À medida que me vou aproximando da entrada principal de S. João Baptista, sinto a História universal que respira através destas muralhas. A magnitude de S. João Baptista só é comparável à sua autonomia. A cidadela que se esconde por trás da cortina defensiva é detentora de infra-estruturas datadas dos séculos XVI e XVII. A fortaleza de São João Baptista, inicialmente chamada de S. Filipe, é uma construção espanhola concebida e executada para protecção dos fluxos de prata e ouro que, da América espanhola, eram trazidos para os portos de Espanha. É, pois, capaz de sustentar um cerco militar prolongado. Cisternas, acessos próprios ao mar, tanques, casernas, uma igreja e diversas construções administrativas, aliadas à exploração agrícola da península, tornavam a Fortaleza verdadeiramente independente da cidade. Muito embora houvesse fortificações portuguesas na península, ao tempo da ocupação espanhola, Filipe II optou por ordenar a construção de uma fortificação total da península, para controlo de ambos os ancoradouros de Angra e do Fanal e protecção das embarcações e das mercadorias vindas da América Espanhola. A partir de 1592, S. Filipe começa a estender os seus braços, até culminar na envoltória total do Monte Brasil. Por dentro das suas muralhas, passavam carregamentos de cargas preciosas, que se armazenavam até serem reparadas as embarcações que as haviam trazido, se abasteciam e reparavam antes do último troço da sua viagem para os portos de Espanha. Cerca de três quilómetros quadrados de área, rodeados por quatro quilómetros de muralhas, eram guarnecidos por trezentas bocas de fogo, e uma guarnição que chegou a perto de mil e quinhentos homens assegurava, durante o reinado de Filipe III de Espanha, II de Portugal a passagem segura das embarcações pelo porto, mantendo piratas e corsários longe das miras dos canhões.

Não se consegue deixar de admirar-se o que há de grandiosos neste conjunto castrense, para além da sua função militar que, muito mitigada, continua a ali existir. Perduram as memórias dos impérios ibéricos ou peninsulares dos séculos XVI e XVII, graças a esta que pode considerar-se a maior fortificação ultramarina de Espanha. Fazendo esquadria com a Casa do Governador, ergue-se a Igreja de S. João Baptista, já construída depois da Restauração portuguesa mas de concepção espanhola como o resto da fortaleza. A sua pesada fachada de barroco colonial contrasta com um interior amplo, de linhas nobres e simples. Subindo da Porta de Armas, alcança-se as muralhas e os baluartes voltados contra o casario de Angra e as canhoneiras donde se disparou sobre a cidade naquele domingo de Páscoa de 1641, enquanto o

I can feel the universal History breaching through these walls. The degree of this fortress' magnitude is only comparable to its autonomy one. The stronghold concealed behind the defensive curtain holds infrastructures from the 16th and 17th centuries. S. João Baptista's fortress, initially named after S. Filipe, is a Spanish construction, designed and built to protect that nation's gold and silver from its American possessions, before heading to Spain's harbours. Therefore it is capable of resisting to a prolonged military siege. Cisterns, private accesses to the sea, tanks, barracks, a church and diverse administrative constructions, allied to the peninsula's agricultural exploitation, ensured the Fortress' independence from the city. Although there were Portuguese fortresses in the peninsula at the time of the Spanish occupation, Filipe II opted to order the construction of an overall peninsula's fortress in order to control both Angra's and Fanal's anchorages and to protect the coming embarkations, and their goods, from the Spanish's America. Since 1592, S. Filipe's fortress began to extend its arms around Monte Brasil, culminating with its full embrace. Inside its walls precious shipments were loaded for storage and protection inside the Castle, until the ships were ready for the last journey heading Spain's harbours. Around three square kilometres of area, surrounded by four kilometres of walls, were guarded by three hundred cannons and by a post of stationed troops that came to reach about one thousand and five hundred men assured the embarkations, during the reign of Filipe III of Spain, II of Portugal, a safe passage through the port, maintaining pirates and corsairs away.

It's impossible not to admire the grandeur of this martial whole beyond its military function, still existing although mitigated. The memories of the Iberian empires, from the 16th and 17th centuries still last, thanks to this fortress which is the biggest of the Spanish overseas territories. Setting square with the Governor's House the church of S. João Baptista stands; it was built after the Portuguese Restoration but still in a Spanish conception as the rest of the fortress. It's heavy, colonial baroque street front façade's style contrasts with its broad interior of noble and simple lines. Going up the Porta de Armas' (Weapons' Gate) stairs we get to the walls and the bulwarks towards Angra's houses, and we can see the cannons once fired over the city in that Easter Sunday of 1641 while the people cheered, in the streets, D. João IV as the King of Portugal. The imposing isthmus' western slope, uniting Monte Brasil to the island, raises itself from Fanal's waters. Precipitous and fortified at the top, the coast's line diminishes towards the castle's pier, the other fortress' maritime access, which walls are prolonged up to the peninsula's south escarpment.

Afterwards I leave the castle's stronghold in order to exploit the pedestrian trails' grid on Monte Brasil's slopes. On

povo, nas ruas, aclamava D. João IV como Rei de Portugal. Das águas da baía do Fanal, levanta-se a imponente encosta ocidental do istmo que liga à terra o Monte Brasil. Escarpada e fortificada no seu alto, a linha de costa esbate-se até ao Cais do Castelo, o outro acesso marítimo da fortaleza cujas muralhas se prolongam até à escarpa de novo se levantar, já na face sul da península.

Deixo a cidadela, para explorar a rede de percursos pedestres que cobre as vertentes do Monte Brasil. Do lado nascente, ao longo das encostas do Pico do Facho, os caminhos de Santo António de Baixo, do Meio e de Cima são bordados junto ao mar por uma rede complexa de fortes, baluartes e redutos.

Enveredando pelo Caminho do Meio de Santo António, passo pela Casa do Regalo. Era a moradia de verão do governador do castelo, enquadrada por uma quinta que subia até à ermida de Santo António da Grotta. Foi mandada construir por D. Gonçalo Mexia, em 1615, com a curiosidade de subsistir no seu interior o primeiro fogão de sala existente no arquipélago.

Paralelo ao caminho da Casa do Regalo, corre, a uma cota superior e, anteriormente, interligado com o Caminho do Meio, o Caminho de Cima de Santo António. A Ermida de Santo António está implantada junto a uma linha de água que traz um viço especial à vegetação que a cerca, emoldurando a visão que dali se tem sobre a cidade.

Do lado oposto do Monte Brasil, na vertente íngreme do Pico do Zimbreiro, o Caminho de S. Diogo ondeia entre as muralhas e o cedro-do-mato. Batida pelo vento, a face Noroeste do Zimbreiro guarda a baía do Fanal, com os sinais de duas baterias do tempo da Revolução Liberal, tão marcantes nos seus dizeres, quanto nos nomes que ostentam: Fidelidade e Constituição. Pontuando as muralhas fortificadas, seguem-se três redutos: Santa Teresa, Santa Cruz e S. Gonçalo.

Acima do Caminho de S. Diogo, derivado do caminho corrente, nasce o Caminho das Belas-Donas. Os meus pés percorrem a mesma terra batida desbravada para passeio de D. Afonso VII, desterrado para a Fortaleza de S. João Baptista, assim chamado, ironia das coisas, em homenagem ao Rei, seu pai. A belíssima paisagem da costa recorta-se até S. Mateus, culminando, já para além do mar, no relevo distante e imponente das ilhas do Pico e de S. Jorge.

Voltando ao caminho corrente, subo até ao cruzamento da calçada com dois trilhos de terra batida. Num percurso descendente, vejo no fundo a cratera que recorda as origens desta península: o vulcão inactivo, qual gigante adormecido, teve aqui a sua boca infernal.

the East side, in the length of Pico do Facho, the paths of Santo António de Baixo, do Meio e de Cima, are embroidered by the sea, in a complex net of fortresses, bulwarks and redoubts.

Walking along the Caminho do Meio de Santo António, (Middle Path of Santo António). I pass the Casa do Regalo. It used to be the castle's Governors' summer house, framed by a farm up to Santo António da Grotta's chapel. It was built in 1615 by Gonçalo Mexia's command, and has a curious detail since it was the first archipelago's building to have a living room's fireplace, which still subsists.

In a parallel line with Casa do Regalo's path, at a superior level, once interconnected with Caminho do Meio, is the Caminho de Cima de Santo António (Upper Path of Santo António). Santo António's chapel stands near a water stream, responsible for the vegetation's special vivacity that frames the view over the city.

In the opposite side of Monte Brasil, on the Pico do Zimbreiro's declivitous slope, the S. Diogo's path undulates between the fortress' walls and the cedars.

Stroked by the wind the Zimbreiro's northwest side guards the Fanal's bay, with two field batteries from the Liberal Revolution era, displaying their powerful names: Fidelity and Constitution. Punctuating the fortified walls are three redoubts: Santa Teresa, Santa Cruz e S. Gonçalo.

Above S. Diogo's path, derived from the main road, is the Belas-Donas' path. I'm now walking in the same beaten track made on purpose for D. Afonso VII, where he used to stroll after being exiled to S. João Baptista's fortress, irony of ironies, named in honour of the King, his father. The beautiful coast's landscape trims-itself down to S. Mateus, culminating, already beyond the sea, in the imposing and distant outlines of the islands of Pico and S. Jorge.

Returning to the main road I go up to the crossroad of two ground tracks. In a descending course I see, at the bottom, the crater that recollects this peninsula's origin: the inactive volcano, like a sleeping giant, had here its infernal mouth.

Going up the footway tracks heading towards the south slope, I access the less visited areas. Going down the path contouring the crater's interior slopes, I end up at Quebrada's fortress. A logical extension of the castle's walls this fortress stands single-handedly in the only possible point of landing on Monte Brasil's south face. In a huge fissure, tore in the abrupt wall, The Quebrada's fortress covered all of the south perimeter, warning, in case of danger, the military units of Pico da Quebrada and Facho, which notified, in turn, the Military's Command.

Accordingly to a tale some Spanish soldiers escaped through Quebrada from the fortress' siege, made from March 1640 to March 1642, at the time of the Portuguese crown Restoration.



Largo da Boa Nova ~ Boa Nova plaza



Vista panorâmica de Angra, com as ilhas de S. Jorge e Pico ao fundo ~ Angra's panoramic view with S. Jorge and Pico Islands in the horizonGate

Subindo pelos trilhos pedestres que rumam à encosta Sul, tenho acesso a diversas áreas menos visitadas. Pelo trilho que contorna as vertentes da cratera pelo interior, desemboco, depois de uma descida íngreme, no Forte da Quebrada. Continuação lógica das muralhas do Castelo, o Forte surge isolado naquele que é o único ponto possível de desembarque do lado Sul do Monte Brasil. Numa enorme fenda, rasgada na parede abrupta, o Forte da Quebrada cobria todo o perímetro Sul da fortaleza, dando sinal de avisamentos às unidades baseadas no cume dos Picos da Quebrada e do Facho que, por sua vez, avisavam o comando. Reza a história que, pela Quebrada, terão escapado alguns espanhóis do cerco feito à fortaleza, de Março de 1640 a Março de 1642, aquando da Restauração da coroa portuguesa.

Regressando ao trilho inicial, subo até ao topo do Pico da Quebrada, onde ainda existem vestígios de uma vigia da baleia ali instalada no século XX. De facto, o meu olhar passeia-se, pelo mar imenso que se abre, absoluto, à

Returning to the initial track, I go up to Pico da Quebrada's top, where vestiges of a whale's look-out, established in the 20th century, still exists. I look down to the immense open sea, and I understand the choice of this place. Down below, beyond the seagulls' fierce flight, the waves persistently hit the rocks. The whalers' courage is brought into my mind, giant's hunters in search for a living. The whaling quest, brought by the big USA's embarkations, led Azoreans to other lands and left them exploitation techniques of this known resource. In S. Mateus' pier, clearly sighted from this point, men reacted to the Pico da Quebrada's signal, reaching for their boats, bare feet over hot ground, and then, rowing, if there was no wind, head for the cetaceans' puffing direction. Standing up on the whale-boats, of an unusual grace, they harpooned the huge animal. Luck and misfortunes were dictated by this toil, of which entire families depended on to survive, not only in this island but also in other Azorean islands. From the whale's hunting era, forbidden since the eighties of the 20th century, remains a whole legacy, which can be seen at the Negrito's fortress or in the

minha frente. Lá em baixo, para além dos voos picados das gaivotas, as ondas batem insistentemente contra as rochas. Evoco a coragem dos baleeiros, esses caçadores de gigantes, lançados sobre o mar em busca do seu sustento. A epopeia da baleação, trazida pelas grandes embarcações norte-americanas, levou açorianos para outras terras e deixou técnicas para aproveitamento de um recurso conhecido. Do porto de S. Mateus, que se avista claramente daqui, reagia-se ao sinal do Pico da Quebrada e os homens corriam para os botes, pés descalços sobre o chão quente e, depois nas canoas, à força de remo, quando não havia vento para as velas, direitos ao bufo dos cetáceos. Era das canoas baleeiras, de uma elegância invulgar que se arpoava o enorme animal. Sorte e infortúnios eram ditados por este mistério, do qual dependiam famílias inteiras nesta e noutras ilhas. Dos tempos da caça à baleia, proibida desde a década de 80 do século XX, permanece todo um património que pode ser visitado no Forte do Negrito e na Casa dos Botes, em S. Mateus da Calheta.

Casa dos Botes (Boats' House) in S. Mateus da Calheta.

Back in the crossroad I now head to Monte Brasil's Forest Reserve of Recreation. Occupying most of the interior wall's space the bigger is also the most visited area of Monte Brasil. This Forest Reserve is organized in thematic interconnected areas, namely the picnics' sector, the fences with animal species introduced by the man (deer and peacocks, among others) and a playground. From Pico das Cruzinhas' top, crowned by the Discoveries' Commemorative stone monument, one can appreciate an impressive landscape of Angra do Heroísmo's city, as well as of the islands' meridional coast, leaning over the sea. In the extreme opposite of the picnics' zone stands Pico do Facho recollecting its warning sign function, as Monte Brasil's highest point.

I begin my descend from Monte Brasil, taking short cuts of the different tracks, going across Relvão - three hectares of recreational area, spread beneath the fortress' walls - and head do Figueirinha's pier. From here, I go across the marginal avenue, contouring Angra's bay, to return to my boat and rest for a while,



Vista do Pico da Quebrada ~ *Quebrada Peak's view*



Parque Municipal de Recreio e Lazer do Relvão ~ *Municipal Leisure and Recreational Park of Relvão*





De volta ao cruzamento, continuo em direcção à Reserva Florestal de Recreio do Monte Brasil. Ocupando a maior parte do espaço por dentro das muralhas, a área para onde me dirijo agora é, todavia, a mais visitada da Reserva Florestal. O espaço está organizado por áreas temáticas interligadas, nomeadamente a zona de piqueniques, as cercas com espécies animais introduzidas pelo Homem (veados, pavões, entre outros), e o parque infantil. Do topo do Pico das Cruzinhas, coroado pelo Padrão Comemorativo dos Descobrimentos, gozo de uma paisagem impressionante sobre a cidade de Angra do Heroísmo e toda a costa meridional da ilha, que se debruça sobre o mar. No extremo oposto da área de piqueniques, o Pico do Facho recorda a função sinalizadora daquele que é o ponto mais alto do Monte Brasil.

Desço o Monte Brasil, cortando pelos diferentes trilhos que serpenteiam pela encosta, para atravessar o Relvão, uma esplanada de três hectares estendida abaixo das muralhas, para descer até ao Cais da Figueirinha. Daqui, percorro a Marginal, circundando a baía, para regressar ao meu barco e repousar um pouco, antes de me aventurar pela cultura deste Povo.



Chafariz do Castelo de S. João Baptista ~ *S. João Baptista castle's fountain*



< Acesso principal à fortaleza ~ *The fortress's main access*

Porta de Armas ~ *Main Gate*



A Praça de Armas da Fortaleza de S. João Baptista (chamada de S. Filipe durante a ocupação castelhana de Angra) serve, hoje, o mesmo propósito militar para o qual foi criada. O Regimento de Guarnição n.º 1, que ocupa e gere a Fortaleza, alinha na mesma Praça de Armas onde alinharam os homens de Filipe II de Espanha, I de Portugal. Esta Praça dá acesso à Casa do Governador, à Igreja de S. João Baptista, à Porta de Armas e aos baluartes superiores.

S. João Baptista Fortress's Praça de Armas (main square) (also named S. Filipe Fortress, during the spanish occupation of Angra) is fulfilling, today, the same purpose for which it was built, back in the 16th century. The Portuguese Army's Garrison Regiment n. 1, today's occupant and manager of the Fortress, functions in the same space where the Spanish King's men once marched. From this square, one may reach the Governor's House, S. João Baptista Church, the Main Gate and the upper batteries.



Do conjunto arquitectónico que é a cidadela do castelo de S. João Baptista, destaca-se no recorte visual as torres da Igreja de S. João Baptista. A sua construção iniciada após a Restauração, em meados do século XVII, foi ordenada por D. João IV, tendo sido terminada no reinado de D. Afonso VI. A solidez das duas torres sineiras é sintomática de um estilo barroco pesado, fortemente contraditório da austeridade militar em que o edifício religioso se enquadra. De facto, existe um forte contraste entre a fachada e o interior do edifício, composto por três naves desprovidas do pendor marcadamente decorativo patente no exterior.

From the S. João Baptista Castle's citadel architectonic ensemble, S. João Baptista Church's towers stand out. Beginning after the Restauração (restoration of Portugal's independence from Spain), the construction of S. João Baptista Church was ordered by D. João IV, ending in D. Afonso VI's reign. Both towers present a robust look, testifying a heavy baroque style which strongly contradicts its austere military frame. In fact, the contrast between the building's façade and interior is remarkable. The interior, composed by three bodies, stripped of the highly decorative style patent on the façade.





Recorte da Fortaleza e Igreja de S. João Baptista ao pôr-do-sol ~ *The fortress and S. João Baptista church outlines in the sunset*



As encostas do Monte Brasil são bordadas, junto ao mar, por uma rede complexa de fortes, baluartes e redutos que cercam a península, tornando-a inexpugnável. Pelo lado nascente, os caminhos de Santo António do Meio e de Cima circundam o Pico do Facho, pontuado por construções perdidas na paisagem. No caminho de Santo António de Baixo, uma série de fortificações interligam a muralha. O Baluarte de Sta. Luzia, seguido pelos Redutos de Dois Paus, S. Francisco, S. Benedito ou Três Paus e Santo Inácio, terminando no Forte de Sto. António, criam uma linha defensiva para toda a Baía. Um farol encerra o percurso pelas muralhas a nascente.

Monte Brasil's slopes are embroidered, along the sea line, by a complex net of forts, bulwarks and redoubts that surround the peninsula, making it inaccessible. On the east side, Santo António de Cima and do Meio walking paths (upper and middle paths of Santo António) encircle the Facho peak. Along the Santo António lower path, a series of fortifications intertwine the walls. The Sta. Luzia bulwark, followed by Dois Paus, S. Francisco, S. Benedito and Santo Inácio redoubts, ending with the Santo António fort, sum up to form a defensive line that protects the entire bay. A lighthouse marks the end of this trail.





Complexo do Monte Brasil à noite ~ Monte Brasil's compound in the evening



Monumento do Pico das Cruzinhas ~ Cruzinhas Peak monument



Circuitos pedestres ~ Walking trails



Caldeira do Monte Brasil ~ Monte Brasil's caldera (extinct volcano)



Vista sobre a cidade ~ Angra's view >



Vista aérea do istmo do Monte Brasil ~ Airview of Monte Brasil's isthmus



O Monte Brasil oferece a quem o visita uma infinidade de pequenos recantos aprazíveis. No caminho de Cima de Santo António, a pequena ermida de Santo António da Grota ergue-se num largo que constitui um miradouro sobre a cidade. A beleza singela do edifício enquadra-se numa área verdejante, localizada na confluência de diversas pequenas fontes naturais de água. A vegetação luxuriante segue o curso de água, emoldurando a ermida com mestria. Todo o complexo do Monte Brasil apresenta uma continuidade harmoniosa com os tons de verde que marcam toda a paisagem da Ilha, interligando o património histórico com a vertente natural.

Monte Brasil offers its visitors an endless amount of small, pleasant hideaways. Located in the upper Santo António path, the small Santo António da Grota chapel is built near a belvedere over the city. The chapel's simple beauty is framed by the luxuriant vegetation, grown in an area where several natural water sources converge. The thriving vegetation follows the water sources, masterfully framing the chapel. The entire Monte Brasil complex is harmoniously connected with the island's landscape, sharing its predominant shades of green. Monte Brasil holds an interesting intertwine between its historical and natural patrimonies.



Rodeado de escarpas que mergulham a pique na profundidade das águas, o Monte Brasil domina a paisagem marítima de Angra. Impõe-se como uma sentinela adormecida, pronta a defender o porto e a cidade que vivem aos seus pés. Nascido da sobreposição de três erupções vulcânicas próximas da costa, o Monte Brasil eleva-se das águas para dar a mão à terra. A sua única vertente ligada à ilha está separada desta por uma fortificação de grandeza incontornável – a fortaleza de S. João Baptista.

Surrounded by abrupt escarpments converging deep into the sea, Monte Brasil dominates Angra's maritime landscape. It imposes itself, resembling a sleeping sentry that is ready to defend the harbour and city at its feet. Born from three volcanic eruptions near the coast, Monte Brasil raises itself from the waters to embrace the land. The hill's sole connection to the island is guarded by a fortress of unavoidable grandeur – the S. João Baptista's Fortress.





Toirada à Corda ~ Traditional Bullfight

o sabor de angra angra's colours

Até aqui deixei que fosse a cidade, os seus edifícios, ruas e monumentos a desvendar-me os seus segredos, mas é hora de tentar falar com esta gente que me fascina. Claro que, mesmo sem falarem, leio muito da sua personalidade na sua expressão corporal, na forma como vestem, andam e sorriem a quem passa. Vê-se que é uma gente que vive com dignidade, com orgulho de serem quem são. Entre esta população não se vêem muitos exemplos de extremos opostos. Há, de facto, ricos e pobres, mas acima de tudo vê-se uma população tipicamente de classe média, bastante urbanizada na cidade de Angra. Agora que penso nisso, esse bem-estar que se revela nas pessoas é bem patente no seu casario e na limpeza das ruas.

Também eles lêem em mim, muito do que sou na troca afável de olhares que eu procuro e eles não desviam. Adivinham pela minha aparência, pela minha tez, e pela mi-

Up to this moment I've let the city talk to me; through its buildings, streets and monuments Angra unveiled its secrets to me, but now it is time for a new approach and for a talk with these people. In the absent of a real conversation we've manage to communicate, nevertheless. I can perceive much of this people's personality in their body language, in the way they walk, dress and smile. It's evident that they have dignifying lives, with pride of who they are. Among the population there aren't many examples of social opposite extremes. There are, in fact, rich and poor, but above all this is a typical middle class' population, quite developed in Angra's city. Now that I think of it, that prosperity can be seen in Angra's houses and in the taken cared streets.

They can also, obviously, guess much of whom I am, through this amicable exchange of glances that I search and they don't avoid. It's clear to them, by my appearance, complexion and

nha forma de olhar para as coisas, com aquele inconfundível toque de desconhecimento, que não sou de cá, que sou um turista, invasor da sua pacatez, mas olham-me com aquilo que chamo uma “simpatia discreta”. As mulheres são bonitas e graciosas, não muito altas, denunciando formas arredondadas de um povo que sabe honrar a sua gastronomia; os homens têm a satisfação no olhar e os gestos largos de quem sabe que está no seu domínio. Falam muito, falam alto, emotivamente.

Já vai sendo tempo de meter conversa. Tenho tentado de forma titubeante, mas, na verdade o empecilho da língua, por um lado, e o fascínio que a cidade tem exercido sobre mim, têm adiado este contacto directo.

Tenho sorte. Poucas horas depois de ter escrito neste meu diário de viagem, o meu anseio por meter conversa com esta gente, eis que encontrei o interlocutor ideal. Chama-se José, é pouco mais velho do que eu, suspeito que andarà pela casa dos quarenta. Fala com razoável fluência o inglês e, assegura-me ele, “entende tudo”. Explica-me que isso se passa com a maioria da população por causa da presença de uma base militar dos Estados Unidos na Ilha, nas Lajes. Já tinha,

by the way I stare at my surroundings, that I am an outsider, a tourist, a stranger to their habits, and they greet me with what can be described as a “discreetly pleasantness”. The women are graceful, not very high, denouncing curved forms typical of a people that appreciates its gastronomy; the men have a satisfaction look and talk with wide gestures characteristic of the security that comes with one's domain. They talk a lot, loudly, emotionally.

Time has come for me to engage a conversation. I've tempted before, in an inhibited way, since the language barrier is a fact; on the other hand it is also true that I haven't committed by self to this task since I've been mesmerized with the city itself, therefore postponing this contact in the first degree.

Apparently I was just not trying enough. A few hours later after written the above statement in my log-book, my yearning to actually meet someone was easily fulfilled. Perhaps I got lucky. The fact is that I've met the ideal interlocutor. His name is José; he's a little older than I, perhaps around forty. Most important of all he speaks English with a reasonable fluency and, as he assured me, “understands everything” even better. “Like most of the local population”, he says, due to the existence of a USA's Military



Toirada à Corda ~ Traditional Bullfight

efectivamente ouvido falar dela. O José convida-me para tomar uma cerveja para falarmos melhor. Em breve a cerveja transforma-se em muitas cervejas. À medida que as garrafas vazias vão tapando o tampo da mesa, a conversa vai saindo cada vez mais afável, numa torrente amistosa de palavras que se transformam em imagens coloridas na minha mente. Perguntei-lhe, primeiro, o que fazem as pessoas aqui para se divertirem. O José deu uma sonora gargalhada, acompanhada de uma vigorosa palmada nas costas e garante-me que tenho muito para aprender, que “pelos vistos” ainda não vi nada! E, no seu inglês americanizado, diz-me que o que se faz melhor por estas bandas é divertirem-se, precisamente. Fala-me de toiros, de mulheres bonitas que só premeiam com a benevolência dos seus olhares os homens que mostram bravura ao enfrentarem o toiro. Toiradas à corda, diz-me ele, introduzindo-me num mundo novo que desconhecia. Enquanto o José desfia os méritos de uma toirada única, visualizo mentalmente as imagens de que me fala entre dois generosos goles de cerveja, de um bicho possante e nobre percorrendo as ruas, preso apenas por uma corda e desafiado apenas com a coragem de umas pernas ligeiras, num bailado viril beirando a morte. A recompensa destes bravos é feita de olés e de palmas das raparigas, de abraços cúmplices de homens feitos, de muita cerveja e boa comida servida em mesas fartas

Post in the Island: the Lajes' Field/Portugal. As he pronounces it I remember hearing speak of it.

José invites-me for a beer. Soon enough what was supposed to be a beer became a pack of them. As the empty bottles cover the table our conversation grows friendlier, easier in a flowing torrent of words that become images in my head. First of all I've asked him what they used to do for fun. José gave a loud laughter, giving me a vigorous clap in the back while assuring me that I haven't learned anything about this island to do that question. And, in his English-American accent he claims that this island is all about fun. He then tells me about the toiradas, typical bullfights, where pretty women only reward with their attention those who show courage in face of the bull. A bull fastens by a rope, he explains, introducing me to a new reality. While he prays the merits of “a unique bullfight”, I mentally visualize the powerful images that he speaks of, amid two generous sips of beer; I can now visualize a noble and powerful beast running in the streets, only held by a rope, and challenged by the boldness of some swift legs, in a manly dance, death challenging. These braves' reward come in the shape of olés cheering and applauses by the women, and congratulations from the men, and, of course, a lot of beer and food served in full tables in every house with doors wide open to welcome all.

It's all coming back to me now. As he talked I remembered what I've read about the subject before I came here. These bull-

de casas de portas abertas a quem vem por bem.

Uma rápida transposição entre o que este angrense me diz e as linhas lidas antes desta viagem recorda-me que, quer devido à presença castelhana, quer devido às origens dos primeiros povoadores (oriundos de províncias com tradição tauromáquicas), a tradição das touradas à corda remonta, na Ilha Terceira, ao século XVI.

Realizando-se por toda a ilha, de Maio a Outubro, as touradas à corda são motivo para grandes ajuntamentos da população. Sejam aqueles que observam o espectáculo das varandas, rindo dos passes que correm mal e aplaudindo os passes que correm bem, sejam aqueles que se aventuram à frente dos cornos do toiro, demonstrando a bravura de homens e animais, toda a gente gosta de participar na festa.

O toiro está preso com uma corda, que é segurada por oito homens, os “pastores”. O toiro, animal de porte majestoso, é criado pelos ganaderos nas pastagens do interior da ilha. A sua bravura é testada pelos capinhas que, ao som do foguete, correm à frente do animal e o desafiam com passes mais ou menos bem sucedidos.

Mais recentemente, as touradas têm vindo a realizar-se, também, em portos e ancoradouros, indo homens e



Espera de gado ~ ???



toiros parar à água, para divertimento de todos.

Mas o José fala-me de muito mais. De coisas que dificilmente consigo conceber e conciliar. Depois do relato das touzadas, tão apaixonado que quase sentia a tensão no ar, o cheiro a sangue e suor, a adrenalina e a paixão do confronto, fala-me de emoções diametralmente opostas: de gente de letras e poesia e teatro feito de risos e de lágrimas. Fala-me, com a mesma paixão, do Carnaval terçoirense. A princípio não percebo, e fico sem saber se é por causa do sotaque, da barreira da língua ou de uma outra qualquer barreira cultural. O facto é que este Carnaval de que o José me fala não tem nada que ver com outros Carnavais decalcados do brasileiro, nem tão pouco com a elegância luxuosa de um Carnaval de Veneza. É confuso. Ele fala-me de espadas (será!?), de crítica social, de piadas sensuais mas também de lágrimas e tristeza e outra vez de danças e de bailes... Estou baralhado e, pelo olhar dele, isso é visível. Outra vez a gargalhada forte e sonora do José arranca-me aos meus pensamentos. Pergunta-me então se não tenho ópera do sítio de onde venho. Digo-lhe timidamente que sim. Então volta a falar com um entusiasmo tal que tudo passa a ser novamente perceptível, como num filme. Diz-me ele que é uma espécie de Ópera, um cruzamento entre teatro e música, mas sem as peneiras, garante. Teatro do povo, feito pelo povo, feito por uma ilha em peso, que entre os que representam, os que tocam e dançam e os que aplaudem, esvaziam a ilha de tudo o resto, como se o tempo e o espaço fossem alterados para a dedicação total à arte de uma paixão única.

De facto, este Carnaval não me é estranho. Lembro-me agora de que já havia lido sobre a festa que o José descreve de forma tão emotiva. Num texto sobre o Carnaval terçoirense, aprendi que, embora a sua manifestação mais visível seja a apresentação, de e por toda a ilha, de eventos de teatro popular único na sua forma e características, o Carnaval implica, por parte dos diferentes grupos de teatro popular, uma preparação que se inicia muitos meses antes. Não é, no entanto, necessário que qualquer entidade governamental, não governamental ou privada promova essas manifestações. O Carnaval da Ilha Terceira é único pela iniciativa do seu povo, que escreve os argumentos, compõe as letras e músicas, encena e representa os diferentes tipos de teatro popular. Durante o Domingo, a Segunda-Feira e Terça-Feira do Entrudo, toda a Ilha se mobiliza e não falta público para rir, chorar e aplaudir o teatro popular terçoirense, na sua essência espontâneo, divertido e original.

Dividida entre teatro popular trágico ou cómico, esta manifestação cultural do Povo assume, na sua forma dramática, a denominação de “danças de espada” (ou “danças de dia”). Inicialmente concebidas para entretenimento ligado à Quaresma, as “danças de dia” prendiam-se com a temática da tristeza e da

fighths have their origins in the tauromachic traditions brought to the island by the Spanish, during their presence in Terceira, and by the first Portuguese settlers; therefore this tradition goes back into the 16th century.

These bullfights take place all over the island, from May to October, and are very crowded and appreciated. Between those who watch from the balconies, cheering the amateurs’ bullfighters when they succeed, and laughing at them when they don’t, and those who actually face bravely the bull, most everyone in the island enjoys this festivity.

The bull has always a rope around the neck, held by eight men, the “shepherds”. This majestic animal is raised by the ganaderos (a Spanish word for cowboys) in the island’s interior pastures. The bull’s ferocity is tested by the capinhas- known amateur bullfighters who work out the bull with a cape (capa) – who, at the rocket’s sound defy the great beast.

More recently, the bullfights also take place at piers and anchoring-places, which inevitably leads to a wet final, for everybody’s amusement.

But José has much more to tell me besides bullfights. He talks about other things that I can hardly conceive and reconcile. After his passionate description of the bullfights - so vivid that I could almost feel the tension in the air, the smell of blood and sweat and the confrontation’s adrenaline and passion - he now speaks of diametrically opposed emotions: of a people of letters, poetry and theatre, a people’s theatre, made of laughter and tears. With the same passion he now talks about Terceira’s Carnival. In the beginning I don’t get it, and I wonder if it’s because of the language barrier or because of a cultural one. One thing is for sure: this Carnival that he tells me about has nothing to do with other Carnivals reproductions of the Brazilian one, neither with the luxury elegance of the Venice’s Carnival. But it’s still confusing. He talks about swords (can it be?) of social critic, of sensual jokes but also of tears and sorrow and once again of dances and balls ... I’m confused and, by the look on his face, it shows. With another sonorous laughter José pulls me out my thoughts and he asks me If there are no opera from where I come. I nod, in a silent yes. Then he keeps on from where he stopped, concluding, with true enthusiasm, that the Danças e Bailinhos of the Terceira’s carnival are a sort of Opera, a combination of theatre and dance, just not so luxury. Theatre of the people, for the people and made by the people, with the participation of almost the whole island, between those who act, play and dance, and the public. All united in a great passion that leaves all the rest in a secondary place.

As he talks the strangeness gives place to the recognition. Undoubtedly my homework researches, made before this journey, are paying off. I’ve read something about this. In a text about the subject, I learned how this cultural manifestation implies an exten-



Dança de Carnaval no Teatro Angrense ~ Dança de Carnaval no Teatro Angrense



Bailinho de Carnaval ~ Carnival's Bailinho

dor, intrinsecamente necessárias ao pesar da Páscoa e do sofrimento de Jesus Cristo. Com o passar do tempo, as “danças de dia” passaram a vir À cena no Carnaval, mantendo, contudo, o teor trágico e doloroso original. Os temas dos enredos foram-se alterando, conforme se alteravam também as razões de mágoa dos terceirenses: a saudade dos parentes emigrados, a partir de meados do século XX, passou a ser um tema central. São, porventura, as “danças de dia” que virão a sofrer primeiro com o evoluir dos tempos, caindo em desuso de ano para ano.

No que diz respeito ao teatro popular terceirense cômico, este subdivide-se em “bailinhos”, “danças de pandeiro”, e “comédias” (estas últimas, já em desuso). O público adere de forma massiva, tanto na representação, como na assistência. As Casas do Povo, salões e auditórios da Ilha Terceira enchem até às portas, deixando apenas livre o espaço do palco, onde actuam as “danças”. Com enredos que versam os mais variados temas, desde a política até aos usos e costumes do povo, o carácter satírico das histórias e dos personagens, na linha das antigas cantigas de escárnio e mal dizer da Idade Média, evoluem entre versos cantados e anedotas alusivas, acompanhados pelo som harmonioso de violas da terra e instrumentos de sopro. O som espontâneo das gargalhadas da audiência, provocado por tiradas cómicas aliadas a jeitos caricaturais das personagens, é ouvido fora das paredes do Salão, ecoando pelas ruas das freguesias e apelando aos poucos que ficam em casa.

sive previous preparation, many months before their presentation – the most visible part of this unique popular theatre. A curious fact is that with or without governmental or private supports this carnival always takes place no matter what. Therefore Terceira’s Carnival is also unique because it is a people’s initiative, who writes the plots, composes the music, stages the performers, and acts for the crowded public. Throughout Sunday, Monday’s carnival and Tuesday’s carnival the whole island is mobilized by it and the one thing that never fails is the faithful audience, crying, laughing and applauding this spontaneous, original and amusing cultural event.

There are two types of theatre’s plots: dramatic, characteristic of the Danças de Espada (Sword Dances) and comic.

The first ones were conceived for Lent’s period entertainment, with plots of sorrow and pain, having to do with Easter’s grief for Jesus Christ’s suffering. With time’s evolution the Danças de Espada, also known as Day time Dances, were included in Terceira’s carnival, maintaining, however, the same original aching and tragic substance. The plots’ themes however, although still dramatic, suffered a few alterations, expanding their issues, actualized accordingly with the islanders’ sorrows: the emigrated relatives’ nostalgia became a central subject, from the middle part of the 20th century, for instance. This type of Terceira’s carnival dances has also been the main victim of time’s evolution, since it’s been falling in further disuse each year.

In what concerns the comic type of Terceira’s popular theatre it is subdivided in bailinhos, danças de pandeiro (tambou-

De repente o José pára e sinto-me como se mão invisível tivesse arrancado a fita do filme que tem passado na minha cabeça: “Mai friende it is veri leite”, declara ele num inglês que já mal percebo, já não tanto por causa do sotaque a que me habituei mas às cervejas que os dois fomos bebendo. Não sei o que me choca mais, qual a emoção que me bateu primeiro: se a emoção de ver-me já assim classificado de amigo, se a premonição de que vou perder em breve este companheiro de viagem. Mas my friend José não deixa espaço a equívocos, que entre terceirenses ninguém fica mal, garante, e muito menos fica com a garganta seca e o estômago vazio. Depois de telefonar para casa convida-me a jantar, a comer um pitéu.

Cerca de meia hora mais tarde estamos de novo à mesa – muito gostam de confraternizar à mesa estes ilhéus! Confesso que é contagioso... facilmente me adaptaria a este ritmo! – mas desta feita as cervejas ainda não escondem o imaculado da toalha. Não vamos continuar na cerveja – explica-me o meu anfitrião – vamos mudar para um bom vinho tinto porque, assim me educa o José, é o melhor companheiro da alcatra que ele já pediu. Ao contrário do que é o seu costume, quando lhe peço para me explicar o que vamos comer e beber, ele, que é tão descritivo, tão gráfico, na sua forma entusiástica e empolgante de falar, apenas explica que, neste caso, as palavras não são suficientes para fazer jus aos sabores e aromas. Se é estratégia, resulta! Fico impaciente pelo manjar que me é prometido e, por ora, a mim também me faltam as palavras e deixo que o vinho quente e rico me conforte, acompanhado de um bom queijo da ilha.

Mais uma vez confirmo a sorte que foi ter-me aventurado a falar com este bom homem. O perfume da alcatra assalta-me os sentidos ainda o empregado vem a caminho da nossa mesa. De repente o meu estômago lembra-me das necessidades terrenas que tenho tantas vezes negligenciado com umas sanduíches de circunstância. A carne derrete-se na boca e, se não consigo adivinhar o que enriquece assim o molho, consigo perceber porque razão o José me disse que este é um prato que não pede mais acompanhamentos do que um bom pão caseiro. É que ensopar o pão neste molho perfumado é tão bom que até parece pecaminoso! O José ri, daquela forma franca e sonora a que já me habituei, e deixa-me entrar no segredo secular deste prato: é mais uma testemunha dos tempos áureos desta Angra que já foi ponto de passagem internacional obrigatória, por isso tem o contributo das especiarias, e o toque do vinho verde, aliado a uma boa carne, típica destas paragens.

Pelos vistos tenho m ais sorte do que pensava em ter me aventurado nesta incursão gastronómica com alguém que

rine dances), and comédias (comedies - also in disuse). The comic type is, by far, the publics’ and the performers’ favourite. The type that crowds the places where the performances take place- Casas do Povo (Houses of the People- community’s buildings), Theatre’s stages and salons all over the island. There are various themes approached by this comic theatre’s plots: political issues, social critics and satirical stories, in the ancient tradition of the Middle Age’s cantigas de escárnio e maldizer (mockery and slander poems), are performed in a poetic form with the harmonious sound of violas da terra (local guitars) and wind instruments for music accompaniment. The spontaneous audiences’ laughter, caused by wit sayings or by the performances’ caricatured gestures, can be heard in the streets; the best invitation of all for those few who are still at home.

Suddenly José stops talking and it felt as if an invisible hand had pulled out the movie going on in my head. Then he says: “Mai friende it is veri leite”, in almost unperceivable English, not so much due to his accent as for the beers that the two of us have been drinking. These simple words had a double effect on me; I can’t say which of the two feelings hit me first: the emotion of being already called as a friend, or the premonition that I’m about to lose this providential companion. But my friend José proves me wrong, for, as he says, nobody stays with an empty stomach or dry throat among terceirenses, and so, after phoning home, he invites me to dinner, to experience, so he promises, a true delicacy.

Half an hour latter we find ourselves again at the table – a place to enjoy like no other to these islanders! I confess it is a bit contagious... I could easily get used to this! – But this time there are no beers covering the immaculate towel. This time the choice goes to a good red wine, for it’s the best cohort for alcatra (traditional red meat plate), that he already ordered – explains my host. Unlike himself when I ask him to explain what we are about to eat, he, who is so eloquent and graphic, refuses, explaining that, in this specific case, words are not enough to do alcatra’s flavour and fragrance justice.

If this is a propaganda strategy, it sure works! I get impatient to try the promised delicacy and, for now, I can do without further explanations and settle with the rich comforting red wine and a piece of the islands’ excellent cheese.

Once again I confirm how lucky I was to have met this good man. The marvellous alcatra’s scent reaches out to me even before it gets to our table. Suddenly my stomach reminds me of the earthly needs that I have been neglecting for so long, deceived with occasional sandwiches. The red meat is succulent and as for the sauce, despite the fact that I have no clue about what it makes it so rich, I can now understand why José said this course would require no other garnishments but good homemade bread. Sopping bread in this perfumed rich sauce is so good that it is almost sinful! José laughs, in that sonorous and honest way he has already



Marcha das Sanjoaninas ~ Sanjoaninas march



percebe do assunto, pois o olhar desgostoso do José que recai na mesa ao lado é inequívoco! De facto acompanho a direcção do olhar do José, e desta feita sou eu que rio com gosto; os turistas que aí estão, também eles com ar prazenteiro degustando uma boa alcatra, fazem-no acompanhando-a de arroz e batatas fritas!

O José deixa-se contagiar pelo meu bom humor e depressa esquece o “crime” perpetrado tão próximo de si, e resolve o assunto não dispensando sequer outro olhar à mesa do lado, tornando a retomar a nossa conversa que iniciámos no café. Diz ele, em tom recriminatório que não me devo rir tanto, pois se eu percebesse alguma coisa de jeito sobre Angra nunca deveria ter perdido as Sanjoaninas que são em Junho! E fala-me, outra vez perdido na sua paixão pela sua terra, que essas é que são festas a “valer”! Com desfiles de fazer inveja a muito boa gente, cartazes musicais com dimensão nacional e internacional, cortejos etnográficos, um cartaz tauromáquico de fazer jus às melhores praças de Portugal e claro, comida e bebida à descrição. Anoto, mentalmente, um regresso marcado para Junho, enquanto outro filme, realizado e produzido pelo José, e visualizado por mim, mostra imagens coloridas de uma grande festa de uma folia contínua. O José dá-me uma cotovelada amigável, e garante-me que há “ainda muito para ver e fazer ainda”, e convida-me para assistir no próximo Domingo a uma “Função”. Pergunto o que significa “Função”, palavra que não traduziu e que, diz ele é mesmo intraduzível. Explica-me que se trata algo muito especial e importante, quer em termos sociais quer em termos espirituais e que, mais uma vez, o melhor é esperar para ver. Não me dei mal até aqui com esta estratégia do José – que o diga o alguidar quase vazio da boa alcatra e, portanto, não insisto, grato apenas por o José dar continuidade a esta relação ainda tão verde mas já com sabor a companheirismo.

O José arranca-me dos meus pensamentos, e pergunta-me se tenho estofo para o acompanhar num arroz doce e numa aguardente da terra. Na verdade sinto-me cheio e o vinho tinto aqueceu-me o sangue e confortou-me o espírito e, por mim, dava-me por satisfeito. Mas há algo que me diz que a um terceirense não se diz que não, muito menos no que toca a comida e bebida e, claro, digo que sim. Abençoado sim. O arroz termina condignamente este repasto magnífico e a aguardente não só a complementa como faz as pazes com o meu estômago pouco habituado a esta abundância.

Despedimo-nos pouco depois e reencontro-me novamente a sós e em paz com esta Angra à noite, cheia de brilho e abençoada pelo ar marítimo, que me reaviva o espírito no caminho que me leva de volta ao barco e ao embalo das ondas.

accustomed me, and he lets me in the sauce's secret: is a witness more of Angra's golden times when this city was an obligatory international maritime stop, therefore having a spices' touch as well as verdello wine, fundamental allies of the good local meat.

By the look of it I'm even luckier than I thought to have with me an expert on this gastronomic incursion: the reproving look on José's face, when his eyes stumbled on the table next to ours, is unmistakable. Looking in the same direction I can see why he was displeased, for the neighbouring tourists were eating rice and french-fries with their alcatra, and I can't help but laughing. José lets my good humour influence him and he soon forgets the “crime” perpetrated so near him resolving the matter by refusing to waste another single glance at it, focusing once more in our conversation.

Nevertheless he gives me a word of advice: never laugh of others mistakes when we've made a few of our own, for as he tells me, if I had really known what is best I should have come to Terceira in June for the Sanjoaninas (Angra's great summer festival). And the remark was all it took to sent him back to his eloquent speech of his beloved homeland. Accordingly to him those are true festivities! With great parades, national and international music events, a bullfight's fair (not the street local bullfights, but the traditional ones) worthy of the best made in the country, and, of course, plenty of food and food and drink. I take a mental note to return in June, while another movie starts running in my head, written and produced by José, and visualized by me, with colourful images of a great entertaining festival. When he sees the effect of his words he reconsiders and assures me that there are more to see and experience, inviting me to a função, in his house next Sunday. When I ask him what exactly is a função, a word he didn't translate because he says there is no faithful translation, explaining me that is the most important event in the islands, both socially and spiritually, and advises me to wait.

As I have no complaints about the outcome when he last told me the same thing – the alcatra's empty bowl is an evident prove of that - I don't insist, feeling merely grateful for this new and yet pleasant friend.

José pulls me out me of my thoughts, and asks me if I have what it takes to accompany him in a rice pudding dessert along with a local brandy. I was quite satisfied and the red wine brought me enough comfort and spirit, to tell the truth, but I couldn't bring myself to say no to him. Good for me! The desert and brandy turned out to be a great final for this excellent meal.

Afterwards we say goodbye and I return to my date with Angra. Angra in the evening looks more beautiful then ever, full of grace and glow, blessing me with its maritime breeze, on my way home, back to my boat and to the waves' lullaby.



Festas do Espírito Santo – a partilha do pão, carne e vinho ~ Holy Ghost's Festivities - sharing the bread, meat and wine

festas do senhor espírito santo

holy ghost's festivities

Apesar do que me disse o José, que me aconselhou a esperar para ver, ou precisamente por causa do secretismo com que rodeou esta festividade, segundo ele tão importante quer em termos sociais quer em termos espirituais, não resisto e como tenho tempo e a curiosidade acossa-me, estou determinado a fazer uma pesquisa. Volto por isso, uma vês mais ao edifício da Biblioteca e Arquivo de Angra, mas desta vez já não como mero visitante, mas como utente.

Eis o que descobri:

Certos autores, desde cedo, apontaram o culto do Espírito Santo que se faz nos Açores (e daqui irradiou para centros de emigração, do Brasil à América do Norte, e a outros) como uma reminiscência notável do que foi, até ao fim do século XVI, um geral culto português. Embora alguns estudiosos fixem a sua atenção no significado das ideias que lhe

Despite of José's advise, or perhaps even because if it, I cant help my curiosity about the Holy Ghost's Festivities, accordingly to him so important in social and spiritual terms. Therefore I've decided, since I have the time and the curiosity, to make a research. And so I head to Angra's Cultural Centre, to its Youth Information room, were everybody can have free internet's access, to make my investigation. Here's what I've discovered, after considerable study and a few translations:

Certain authors defend that the Holy Ghost's worship done in the Azores (and from here spread out to the Azorean emigration communities, in Brazil, North America, and others) as a remarkable reminiscence of a general Portuguese worship, maintained up to the end of the 16th century. Although some studious set their attention in the meaning of the subjacent ideas, the majority has investigated the external worship's manifestations in an eth-

subjazem, a maior parte tem investigado as manifestações externas desse culto numa perspectiva etnográfica, etnológica e, mais recentemente na óptica da Antropologia Cultural Interpretativa. Alguns estudos apresentam descrições bastante completas das poucas manifestações culturais do Espírito Santo ainda subsistentes no Continente português, em contraste com as variadas e intensas manifestações desse mesmo culto nos Açores. Aventam-se explicações plausíveis para o fenómeno, todas relacionadas com o arcaísmo da vida nas ilhas, com o peso da sua ruralidade e a insegurança de que as condições naturais – telúricas e meteorológicas – rodeiam os seus habitantes.

O culto do Espírito Santo nos Açores é exercido por duas vias: a da irmandade, ligada por um compromisso colectivo que anualmente se cumpre, e a da promessa individual, que se paga por uma vez pela realização de uma função. Este culto não se celebra à margem da Igreja, mas o essencial dos seus actos decorre fora do templo: no «império», na casa do promitente (com o seu altar doméstico) e na rua. As irmandades, como regra, não são canonicamente erectas, antes

nographic and ethnological perspectives, and, more recently, from the point of view of the Interpretative Cultural Anthropology. Some studies present quite complete descriptions of the few Holy Ghost's worship manifestations still subsistent in the Portuguese mainland, in contrast with the various and intense worship manifestations in the Azores. They suggest plausible explanations for this phenomenon all related with the islands' archaic way of life, with a strong rurality tone, and to the inhabitants' surrounding insecurity due to the islands' natural – telluric and meteorological – conditions.

The Holy Ghost's worship in the Azores is exercised in two ways: through the irmandade (fraternity), linked by a collective commitment, annually fulfilled, and through an individual promise, which vow is fulfilled by making a função.

This worship isn't celebrated at the Church's default but the essential worship's manifestations take place outside the temple: in the império (empire), at the person's (who made the promise) home -with its domestic altar - and in the street. The irmandades (fraternities), aren't, normally, canonically erected; instead they are constituted as civil associations. The worship has its own financing mechanisms and it's developed in multiple jointly liable



se constituem como associações civis. O culto tem os seus mecanismos próprios de financiamento e desenvolve-se em múltiplas actividades de entreajuda. São festas da alegria e da abundância. Durante elas, fazem-se pazes ou, ao menos, põem-se em surdina agravos pessoais, e acolhem-se até os estranhos como pares – ou, se preferirem, como irmãos.

Esta autêntica “dinâmica espiritual” transcende os rituais que anualmente se repetem e se vivem com extraordinária vitalidade nestas comunidades insulares e nos seus núcleos de projecção em outras terras. Com efeito, a vivacidade do culto não se reduz ao tempo: projecta-se no espaço, verificando-se nos núcleos de emigração de açorianos, em que as dúvidas e a insegurança do imigrante em terra estranha de língua, de religião, de valores são tantas vezes projectadas em forma de agradecimento no bodo de torna-viagem, ao cabo de uma época ou de uma vida bem sucedida.

Essa vitalidade seria mera agitação lúdica, ou ritualismo vazio, se não existisse, viva, uma permanência de valores que lhe subjaz.

É talvez necessário viver as festas do Espírito Santo para que esses mesmos valores se desenhem aos nossos olhos como as festas da abundância, da partilha, da igualdade e da fraternidade.

Por um dia, qualquer um – pobre ou rico, não forçosamente pobre, não inevitavelmente rico, mas sim aquele que, em um momento passado se humilhou, na aflição ou na dor – qualquer um é o rei dos outros. Rei-dispensador de bens, que reparte por igual entre os seus «súbditos», irmanados em comunhão, a carne, o pão e o vinho.

Para se chegar a isso, o rei-imperador contou consigo e com os seus, se pôde. Contou com os outros, se pôde menos. O resultado é sensivelmente o mesmo, o núcleo da festa é absolutamente igual: o que faltou em meios sobrou em entreajuda.

A coroa não traz a fruição do poder: traz o formidável gozo de dar, traz a responsabilidade de repartir, traz os esforços e a cansaça de preparar. A preparação é espiritual – reza-se o terço em família à roda do ano, vai-se aos sacramentos nas vésperas e no momento da festa. Mas é também material – os animais da promessa que se criam, e cuidam, e preservam, e respeitam acima dos outros, o esforço financeiro, e de trabalho físico, e de gestão, pressuposto por toda uma logística, dos abastecimentos às decorações, que o bodo ou a função implicam.

Uma sociedade animada pelo culto do Espírito Santo não é uma sociedade impecável; mas assenta em referências de solidariedade, de simpatia humana, de compreensão pe-

activities. These are festivities of joy and abundance. During the festivities peaces are made or, at least, personal offences are put to rest, and strangers are welcomed as peers – better yet, as brothers. This authentic “spiritual dynamic” transcends the annually rituals, lived in these islanders communities with an extraordinary vitality, as well as in their projection’s nucleus in other lands. As a matter of fact the worship’s vivacity can’t be reduced to the calendar: it projects itself in space, in the Azorean emigration’s communities, where the immigrant’s doubts and insecurity, living in a strange land, with a different language and religion, are often projected, as a form of gratitude, in the returning-journey’s bodo, after an epoch or a successful life-time’s work management. That vitality would be mere playful agitation, or an empty ritualism, if there wasn’t for its underlying values. It is perhaps necessary to experiment these Holy Ghost’s festivities in order to truly perceive those same values. These are abundance’s festivities, of sharing, equality, brotherhood and jointly liable work.

For a one day period anyone – either poor or rich, not necessarily poor, not inevitably rich, but the one that, in a past moment, was humiliated, troubled or in pain – can be everybody else’s King. A King who does without property, that equally shares amid his «subjects», in a brotherly communion, the meat, the bread and the wine. In order to do so the King depended on himself and on his family, if he could afford it. If not or not enough he depended on others.

The result is sensibly the same; the festivities’ core is absolutely equal: what lacked in means was overcome by the jointly liable work’s abundance.

This crown doesn’t bring any power: instead it brings the giving’s formidable enjoyment, the responsibility of sharing, and the effort and the tiredness to prepare the festivities. The festivities’ preparation is a spiritual one – praying with the family, during all year, going to the sacraments in the eves and at the festivities celebration; but is also a material one – the animals’ vow are raised, taken care of, and respected above all others; the physical work effort, the financial and management efforts, underlined by a logistic work, from the provisions’ supply, to the decorations, that the bodo or the função implies.

A society encouraged by the Holy Ghost’s worship is not an irreproachable one; but as it settles itself on solidarity values, on human kindness and on mutual understanding, creates for itself a moral armour that necessarily leaves it a positive distinction. There is still another value that the permanence of the Holy Ghost’s worship stands out and that is the one of spirit’s independence.

Vitorino Nemésio described the Holy Ghost’s red flag as:

“The rebelliousness’ Insignia In gentleness silk”

The impérios’ construction is more recent. Império (Empire) is called to the small temple where the people, in the right time



Menina coroadada, império de São Carlos ~ ???

los outros que definem uma armadura moral e forçosamente a marcam pela positiva.

Há ainda outro valor que a permanência dos cultos faz ressaltar e que é a independência de espírito. Vitorino Nemésio chamou à bandeira vermelha do Espírito Santo:

«**Insígnia de rebeldia Em seda de mansidão**».

Mais recentemente viera a construção dos «impérios». Império se chama o pequeno templo onde o nosso Povo, na época própria, venera a coroa, o ceptro e a bandeira, símbolos do Divino. Império chamam alguns, sem dúvida com maior eloquência, à própria festividade do Espírito Santo. Local ou festa, está ordenado ao que se viu e sabe do culto da Terceira Pessoa da Trindade e a um uso ou realização em determinado período, culminando em poucos dias e apagando-se depois até ao ano seguinte. Certamente por isso as primitivas casas do Espírito Santo, verdadeiros tabernáculos sazonais, eram provisórias, amovíveis, desmontáveis como os altares ou «teatros» que ainda hoje são armados na casa onde se cumpre a promessa, e se faz o «bodo» – palavra que se formou a partir de «voto»: o voto que se cumpre.

E é este o último valor a assinalar e a reter: o da alegria na simplicidade e na partilha, o da fruição gratuita e generalizada de bens que não foram tirados a ninguém. Herança

of the year, venerate the crown, the sceptre and the flag, symbols of the Divine one. Empire is also the term, used by some, doubtless with greater eloquence, to address the Holy Ghost's festivity itself. Place or festivity it's always referred to what we know about the worship of the Holy Trinity's Third Person and to a custom maintained in a certain period, over a few days and then putt to rest up to the following year. That is surely the reason why the primitive Holy Ghost's houses, authentic seasonal tabernacles, were temporary, removable, and dismountable like the altars or «theatres», up to these days mounted in the homes where the vow is fulfilled and where the «bodo» is made – a word formed from «voto» (vow): the vow that one fulfils.

And that is the last value worth underlying and retains: the one of the joy in the simplicity and in the share, the one of the free and generalized enjoyment of a property that weren't taken from anyone. Inheritance with the oldest and deep Christian roots, branches out in the Franciscan's philosophy of life, of a simple, unconditional love, that can explain certain difficulties in the acceptance of a way of life centred in greed and in work's obsession as a conduct's rule.

These are the remaining values. That permanence explains and justifies the rest; that enlightens these customs of the People, archaic, rural, to some even obscure; but that, in a glance, tear before our eyes and before our understanding, in this humbleness way, the true ways for Man and for the evolution of History itself.

com as mais velhas e fundas raízes cristãs, ela vai entroncar numa filosofia de vida franciscana, de amor simples e não calculista, que pode explicar certas dificuldades na aceitação de uma vida centrada na obsessão do trabalho, e na ganância como regra de conduta.

Estes os valores que permanecem. É essa permanência que explica o resto. É ela que ilumina estas práticas do Povo, arcaicas, rurais, para alguns obscurantistas; mas que, num relance, nos rasgam perante os olhos e perante o entendimento, nesta humildade dos pequenos, os verdadeiros caminhos do Homem e a marcha da própria História.



Império do Outeiro, o mais antigo da ilha ~ ???



Função em S. Pedro ~ "Função" in S. Pedro



Angra no horizonte – O adeus à ilha ~ Angra in the horizon – Farewell to the island

O adeus a Angra, cidade transatlântica

É Domingo, o dia está lindo e, como prometido o José espera-me para me levar à Função. Sou recebido em casa pela sua mulher e pela família como se fosse um amigo de longa data. A afabilidade desta gente é única. Ainda que não possamos comunicar em pleno, devido ao pouco inglês que sabem e ao português incipiente que eu debito que não passa de um papagueado que vai desde o “Obrigado” e “Olá”, comunicamos por gestos, nesta linguagem universal feita de olhares e de linguagem corporal que me assegura que sou bem-vindo.

Farewell to Angra, transatlantic city

It’s Sunday, a beautiful day and, as promised José awaits me to take me to his family’s *função*. At his house I’m welcomed by his wife and family like an old friend. This people’s courtesy is unique. Despite the fact that we can’t communicate properly, since they don’t speak English fluently and my knowledge of the Portuguese language is quite poor, not much more than a few words like “Obrigado” (Thank you) and “Olá” (Hello), we manage to understand each others using that international language, the body language, made of gestures and significant glances, that assures me that I am welcomed.

Conduzem-me à mesa, uma de entre várias num Salão repleto de gente. Gente de todas as idades, de toda as condições naquilo que é, inequivocamente, uma grande festa. Agora, quando me colocam na frente a Sopa fumegante, já não me sinto um intruso, mas parte integrante deste espírito humanista e universalista. Sinto-me grato por ter vindo cá. Regressarei, sem dúvida, para mais sopas e verdelhos, bebidos em honra deste povo que é cultura viva e alegre.

Parto mais rico do que cheguei, com os olhos cheios de mar, de bruma e de paisagens verdejantes.

Até sempre, Angra Transatlântica.

They lead me to my table, one of the many in the room full of people of all ages and conditions, prepared to what it is, without a doubt a great festivity.

Now when I’m presented with the Holly Ghost’s hot soup I no longer feel like an intruder, but as a part of this humanitarian and universal spirit. I feel grateful for this journey. I’ll come back, no doubt about it, to experience another foods and wines, and I’ll drink in honour of this people, whose culture is a joyful and vivid one.

I’ll leave richer than when I arrived, with my eyes filled with sea, mist and green pastures.

Farewell Transatlantic Angra!

